

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
aPErj – RIO 4**

SUPLEMENTO CIENTÍFICO

Nº 10 - ABRIL/2007

Editorial

Mais um número do nosso Boletim, questionado posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico. Em nossos trabalhos, renovamos as idéias e indagações presentes na prática cotidiana. Reiterando a Ética – fio condutor exemplar e fiel. Neste Boletim temos dois artigos: da Dra. Sheiva Rocha e do Dr. Miguel Sayad, duas traduções de artigos do Dr. André Green feitas pela Dra. Rosa Albé; uma resenha e uma entrevista com Ivanise Fontes – próxima reunião científica. E um texto sobre Literatura e psicanálise.

Boletim Científico com mudanças. Sempre e ainda bem. Aceitamos artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Artigos ligados à cultura também, dos tempos atuais ou não, mas que reflitam e agucem o olhar psicanalítico. Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas. Aberto aos candidatos do Instituto – incentivo para todos os membros.

Ana Lia

CONTRIBUIÇÕES

Entrevista com Ivanise Fontes

O corpo mascarado com aparência de Eu

Autora de “Memória corporal e transferência – Fundamentos para uma Psicanálise do sensível”, a psicanalista Ivanise Fontes, em entrevista exclusiva à psicanalista Kátia Santos, afirma que “a exacerbação da temática do corpo que temos assistido nas últimas décadas não significa que o sujeito humano esteja em contato com suas sensações. Há, na verdade, uma inibição do sensível, o que vem causando uma dissociação cada vez maior entre corpo e palavra.” A autora coloca em evidência a transferência como espaço apropriado para o despertar de uma memória corporal.

Ivanise Fontes é doutora em Psicanálise pela Universidade Paris VII e fez pós-doutorado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Publicou “Memória Corporal e Transferência – fundamentos para uma psicanálise do sensível” pela Via Lettera Editora (SP, 2002), tradução do original “La Mémoire Corporelle et le Transfert” (Presses Universitaires du Septentrion, Paris, 1999). Kátia Santos é diretora de ensino e pesquisa da Spag-RJ.

Kátia Santos - Segundo Elisabeth Roudinesco, o mal-estar da atualidade parece ser traduzido pelo sintoma da "sociedade depressiva", anestesiada pela multiplicação dos "prozacs". Como a psicanálise do sensível pode trazer um novo caminho para esta sociedade - e para o divã?

Ivanise Fontes - Considerar uma Psicanálise que traga de volta a dimensão da sensorialidade na constituição do psiquismo tem sido minha intenção. Ao contrário do que podemos pensar, a exacerbação da temática do corpo que temos assistido nas últimas décadas não significa que o sujeito humano esteja em contato com suas sensações. Há, na verdade, uma inibição do sensível, o que vem causando uma dissociação cada vez maior entre corpo e palavra. Perdido esse elo sensorial onde a palavra se enraíza, surge a doença, e muitas vezes a atrofia do próprio psiquismo. As sintomatologias consideradas contemporâneas, como as toxicomanias, as depressões, as psicossomatoses, têm como denominador comum uma incapacidade de representação. Nesse sentido, o resgate da sensorialidade torna-se vital para que esses pacientes consigam nomear suas sensações e, ao mesmo tempo, “encorpar” sua linguagem. Atribuir um adjetivo à Psicanálise, como venho fazendo: Psicanálise do sensível é uma redundância, já que o corpo esteve presente na obra de Freud desde suas origens, mas torna-se necessário na retomada de um diálogo interrompido entre Corpo e Psicanálise.

Kátia Santos - No início do século, o antifreudismo era moralista; hoje a crítica à psicanálise é quanto à sua eficácia. Como o resgate do conceito de pulsão e, conseqüentemente, de memória corporal, pode contribuir para esse enfrentamento?

Ivanise Fontes - O resgate da noção de corpo em Freud, apoiado principalmente na sua definição de pulsão como conceito limítrofe entre o somático e o psíquico, reposiciona a teoria e a técnica analíticas. Minha pesquisa de doutorado, defendida na Universidade Paris VII, em 1998, sobre “A Memória corporal e a Transferência”, levou-me à difícil tarefa de reencontrar em Freud, em sua obra, as referências à questão do registro corporal. Minha hipótese foi que essa memória do corpo pode ser despertada pela transferência, quando o paciente encontra o espaço apropriado à repetição das cenas mais precoces. Considerar dessa forma o corpo sensível do paciente altera a escuta do analista. Ligar corpo à palavra, favorecer a representação das impressões nunca antes nomeadas, mas sentidas pelo indivíduo, passam a ser uma tarefa do analista, para além do trabalho interpretativo. Prestar atenção particular ao sensorial, ao inefável que opera no interior do psiquismo, é um aperfeiçoamento que visa uma melhor eficácia no tratamento.

Kátia Santos - Através do diálogo entre S. Freud e S. Ferenczi você resgata a relação corpo/psiquismo, o elo sujeito-corpo-palavra. Qual a nova possibilidade dessa proposta para o tratamento analítico?

Ivanise Fontes - Na obra de S. Ferenczi, contemporâneo e discípulo de Freud, a intenção de incluir o corpo é mais evidente. Por ser um autor a quem eram encaminhados os pacientes “difíceis”, sua teorização sobre o trauma tornou-se elemento fundamental. No primeiro capítulo de meu livro recém publicado pela “Editora Via Lettera” - “Memória corporal e transferência – fundamentos para uma Psicanálise do sensível” - estabeleço um diálogo entre esses dois autores no que diz respeito justamente à noção de registro corporal. Para Ferenczi, quando o psiquismo falha, o corpo começa a pensar. Eu acrescento que ele pensa porque já estava lá, onde a história do sujeito se fazia. O corpo é testemunha do acontecimento, traumático ou não. E nele ficam impressas sensações agradáveis ou desagradáveis. Através da transferência, por seu caráter regressivo alucinatorio, o paciente pode reviver essas impressões inscritas em seu próprio corpo e que aguardam por simbolização. E esse caminho, da sensação à idéia, propiciado pela palavra, redimensiona o trabalho analítico.

Kátia Santos - Você fala em sua obra de um "ser da pré-linguagem" como sujeito freudiano, a partir de J. Kristeva e F. Tustin. Explique-nos melhor...

Ivanise Fontes - As duas autoras foram por mim escolhidas para a investigação sobre o campo do sensível. Duas psicanalistas, uma inglesa: Frances Tustin; e outra búlgara naturalizada francesa: Júlia Kristeva, voltadas para a importância da sensação como raiz do psiquismo. Para F. Tustin, o bebê humano nasce num berço de sensações que o dirige para as percepções, os conceitos e a tudo o que é cognitivo. E J. Kristeva denomina “caverna sensorial” a experiência desprovida de símbolos que seria inaugurada a partir da co-

excitação mãe-bebê. Ambas enfatizam a existência de um “tempo sensível”, em que os registros sensoriais se fazem previamente à aquisição da linguagem. Mas Freud já afirmava que as experiências inaugurais produzem fortes impressões e são relativas ao corpo próprio ou às percepções sensoriais principalmente de ordem visual e auditiva. Encontramos essa referência em seu último texto “Moisés e o monoteísmo”, ao falar sobre trauma. Nesse sentido, podemos afirmar que cada indivíduo marca seu corpo com as impressões de sua tenra infância e que isto constituirá os fundamentos de sua memória corporal.

Kátia Santos - E, quanto a D. Anzieu, fale-nos de sua contribuição para o enriquecimento dessa subjetividade tão empobrecida nos dias atuais...

Ivanise Fontes - D. Anzieu, psicanalista francês com uma obra muito reconhecida no meio analítico, teórico da Psicanálise de grupo, publica em 1985, na França, o livro intitulado “O Eu- Pele”, e nos brinda com uma das melhores e mais profundas postulações sobre o desenvolvimento psíquico, com sua origem no corporal. Segundo ele, depois de décadas da dominação intelectual do estruturalismo e da lingüística, o retorno da Psicanálise às realidades corporais torna-se essencial. Estou plenamente de acordo.

Anzieu considerava que todo traumatismo ocorrido antes da constituição do envelope psíquico se inscreve no corpo e não no psiquismo. Por serem irrepresentáveis, diz ele, essas sensações ficam inacessíveis à linguagem, mas constituem nossa maneira de ser. Encontramos esse ponto de vista em seu livro “A Epiderme nômade e a pele psíquica”, ainda sem tradução para o português. Com esse autor, sabemos da necessidade de desenvolver envelopes sensoriais para que um sujeito se constitua. Em seu “Eu-Pele”, observamos desde um envelope tátil – a pele - até envelopes sonoro, gustativo, olfativo, muscular e térmico. A partir da integração desses “envelopamentos”, nasce um sujeito que se sente inteiro.

Para ele, o precursor do conceito de Eu-pele foi mesmo Freud, que no seu texto “O Ego e o Id” afirmou que a pele, por sua bipolaridade tátil (fornece uma percepção interna e outra externa), prepara o desdobramento reflexivo do ego. A pele ensina o ego a pensar. A experiência tátil serviria, portanto, de modelo à experiência psíquica.

Kátia Santos - "A lembrança fica impressa no corpo e é somente através dele que ela pode ser despertada..." Qual a dimensão da Transferência a partir desse registro?

Ivanise Fontes - Esta citação é de S. Ferenczi, numa nota de 1932, e faz parte do último capítulo do volume 4 das suas obras completas. Eu costumo dizer que se eu tivesse conhecimento prévio dessa sua afirmação talvez não precisasse ter elaborado uma tese de doutorado tão extensa com o intuito de defender justamente essa idéia. Fui encontrá-la já terminada a dissertação, mas virou epígrafe de meu livro. E isso porque ele resume nessa frase o objetivo de meu trabalho: somente através do corpo pode ser despertado algo que ali ficou inscrito. E na Psicanálise, contamos com esse instrumento essencial que é a transferência para criar a oportunidade de retorno de sensações anteriormente vividas. Ela instaura as mais refinadas manifestações, onde os movimentos regressivos podem ter lugar,

aspectos sensoriais incluídos. São sensações inesperadas que adentram o espaço analítico e que indicam que há um material “carnal” que busca ser traduzido, ou melhor, representado.

Inspirada nas idéias de P. Fédida, meu orientador de tese e falecido recentemente (o que é uma perda lamentável para a Psicanálise), denomino “regressão alucinatória da transferência” o fenômeno transferência que propicia tal despertar da memória corporal. Fédida é um autor que aponta para o lugar do corpo na teoria psicanalítica. Sua visão do autismo como modelo paradigmático de uma Psicopatologia Fundamental, a retomada da noção de regressão em Freud e Ferenczi e justamente a ênfase que dá ao trabalho com a transferência foram alguns dos aspectos de sua obra relacionados a meu objeto de estudo. Minha pesquisa se desdobrou num projeto de pós-doutorado na PUC de S. Paulo sob o título “ A dimensão corporal da transferência – evoluções da técnica analítica”.

Kátia Santos - M. Proust nos diz "Em busca do tempo perdido". J. Kristeva substitui "Em busca do tempo sensível" ; onde essa busca do sensorial, pode nos levar, enquanto psicanalistas, neste conturbado mundo moderno?

Ivanise Fontes - Numa palestra de lançamento de seu livro “ O Tempo sensível - Proust e a experiência literária”, em 1994, tive pela primeira vez contato com o pensamento de J. Kristeva e com o destaque que ela dá à noção de experiência. É dentro dessa noção que ela vai incluir a experiência sensível e analisar a obra de Proust. Segundo ela, a experiência proustiana nos leva ao “tempo sensível de nossas memórias subjetivas”. Trata-se da busca infinita desse tempo perdido, onde Proust faz ressoar a memória das sensações até as palavras e vice-versa. Poderíamos com ela dizer que as sensações são a carne de nossa memória.

No exemplo mais conhecido da Madeleine embebida no chá, o personagem vive a força de um choque sensorial que fica em ligação permanente com seu imaginário subjetivo. Proust refere-se a uma memória involuntária! Podemos traçar um paralelo entre o percurso proustiano e o analítico em busca de um tempo sensível. Como tarefa do analista, segundo J. Kristeva, coloca-se, então, a “sorte eventual de metabolizar a auto-sensualidade inominável em discurso conciliável”.

Em meu recente artigo, “Corpo mascarado e o Tempo sensível”, procuro pensar, apoiada nessa autora, sobre a redução espetacular que vem sofrendo nossa vida interior, gerando a necessidade de construção de uma armadura, de um corpo mascarado com aparência de eu. Mas essa tentativa de garantir uma existência psíquica mesmo que artificial, através do aumento do volume muscular ou mesmo do uso de recursos aditivos (obesidade, alcoolismo, etc.) mostra-se ineficaz. O sofrimento persiste. Porque esse corpo encoraçado fica impenetrável às sensações. Enrijecido, ele não permite sentir, e, assim, fica bloqueado o trajeto que vai da sensação à idéia. Este é o aspecto trágico de nosso mal contemporâneo. Inibindo o sensorial, torno-me cada vez mais distante da aquisição de uma identidade que me assegure uma existência. Sigo, então, procurando adicionar algo no intuito de me “encher/preencher”. E perco ainda a capacidade de produzir pensamentos (haja vista os pensamentos operatórios na maioria dos casos).

Nesse sentido, uma Psicanálise que revalorize o sensível é elemento crucial em nossos tempos modernos. Acredito que a exploração clínica e conceitual dos elementos pré ou sem representação, ou seja do corpo e sua memória, impõe-se como objeto no centro da pesquisa atual em Psicanálise.

RESENHA DE:

Fontes, Ivanise (2002).

Memória corporal e transferência: fundamentos para uma psicanálise do sensível. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 136 págs.

O registro sensorial corporal não foi um tema priorizado na teoria psicanalítica ao longo das últimas décadas. Comenta-se somente que a dimensão sensorial é também importante para a constituição do sujeito, visto ser uma das primeiras formas de comunicar-se com o mundo. No entanto, nos primórdios da vida, tudo que ocorre externamente será registrado sobretudo corporalmente, já que o bebê ainda não formou representações mentais complexas e consistentes. Será a relação, sempre sensorial, com o outro que permitirá a simbolização, através, primeiramente, do estabelecimento de um diálogo afetivo corporal. A partir daí, o corpo do bebê se abre para a linguagem e para a construção do vínculo com a mãe. Este diálogo é estabelecido durante os cuidados com o bebê, sua alimentação, a higiene - banho e troca de fraldas - e os contatos tais como segurar, falar, olhar.

A presença do sensorial na constituição do psiquismo, apesar de amplamente reconhecida, não tem sido objeto preferencial de desenvolvimentos teóricos recentes, nem a importância de sua presença no *setting* analítico tem sido devidamente elaborada. Ao construir idéias teórico-clínicas sobre a importância do sensorial no trabalho do analista, a psicanalista Ivanise Fontes constitui feliz exceção. Doutora em Psicanálise pela Universidade Paris VII - Denis Diderot, Fontes, em seu livro *Memória corporal e transferência: fundamentos para uma psicanálise do sensível*, desmembra alguns conceitos fundamentais para a psicanálise, objetivando validar a importância do trabalho analítico na dimensão do sensível. Suas questões emergiram ao longo do tratamento de pacientes somatizantes a partir das dificuldades de simbolização por parte deles, que prejudicavam a associação livre. Um dos impasses constatado por Fontes foi o impedimento, devido a determinadas regras do *setting* psicanalítico, da livre expressão de manifestações corporais do paciente representativas de registros muito precoces, ligados às primeiras experiências do lactante, prazerosas ou não.

Alguém atento para o estado da criança aliviará as tensões corporais do bebê através do contato corporal, proporcionando o jogo de prazer/desprazer. Para a constituição do Eu, é fundamental a participação destas sensações corporais caracterizadas por esta alternância de prazer e desprazer no corpo erógeno. O corpo não esquece estas sensações, mantendo-as na memória do acontecimento. Assim, o corpo seria a fonte constituinte tanto da memória quanto do simbólico. Por deter a história das vivências precoces é que o analista deverá prestar seu ouvido a este corpo (Pinheiro, 1987, citado por Fontes, 2002). No entanto, estas vivências não podem ser lembradas por meio da linguagem, de representações, de associações livres, visto que foram registradas na ordem do sensorial, anterior à simbolização. Para Fontes, ao discutirmos este tema entramos na questão da gênese do

pensamento, já que as sensações são as raízes do psiquismo. Segundo ela, a história do indivíduo, inscrita em seu corpo, permanece no inconsciente e o acesso direto das sensações ao consciente ocasionaria a irrupção de manifestações somáticas dentro do espaço analítico.

Com a finalidade de fundamentar mais profundamente a noção de memória corporal, a psicanalista investiga o lugar destinado ao registro corporal e ao sensorial nas teorias de S. Freud e de seu discípulo S. Ferenczi. Depois da explanação dessas teorias, ela desenvolve a hipótese de que o principal instrumento do analista para despertar os registros corporais é a transferência. Justamente por estes registros terem sido impressos no corpo, não podem ser rememorados como lembrança recalçada. Somente podem ser despertados pelo corpo na transferência.

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud afirma que o ser humano teria desenvolvido o psiquismo para resolver a questão do excesso, iniciando assim suas referências ao corpo. Em 1905, Freud apresenta a vida sexual infantil como essencialmente auto-erótica. Esta noção de auto-erotismo se tornará fundamental nas investigações dos primórdios do desenvolvimento do sujeito. As sensações experimentadas no momento da situação traumática - considerada assim por haver um excesso de estímulos que formam o trauma constituinte do sujeito - marcam o corpo do bebê e produzem uma memória corporal. Aprofundando a elaboração freudiana do trauma em sentido *lato*, como faz Fontes, podemos correlacioná-lo a algo que acontece bem cedo na história individual, sendo importante não reduzi-lo a uma pontualidade factual. Trata-se, sobretudo, de impressões resultantes de experiências vividas, relativas ao próprio corpo.

Fontes retoma o significado do sentido tátil na teoria freudiana, cuja característica seria distinta em comparação aos outros registros sensoriais. A diferença estaria no fato de que o tato fornece tanto uma percepção externa, quanto uma percepção interna. A autora explica que, ao afirmar isto, Freud fazia alusão ao fato de que, ao mesmo tempo que sentimos o objeto tocando nossa pele, sentimos nossa pele sendo tocada pelo objeto. Esta bipolaridade tátil prepara o desdobramento reflexivo do Ego.

A autora afirma que Freud postula não só ser o envelope psíquico (o ego) oriundo do apoio no envelope corporal, mas que a pele ensina o Ego a pensar, a funcionar psiquicamente. Neste momento, em que se menciona o conceito envelope, ela destaca a elaboração teórica de um autor contemporâneo chamado Didier Anzieu. Ele cria de forma pertinente o seu conceito "Eu-pele", chamando a atenção para a questão da superfície do corpo, da pele, como algo constituinte do aparelho psíquico. Apesar da fundamental relevância deste conceito, Ivanise Fontes não o desmembra muito em sua obra.

Inspirada pelos conceitos de Sandor Ferenczi, a autora tem como propósito evidenciar o mecanismo da traumato-gênese para apontar a importância do despertar desse estado de alienação traumática infantil. Traumática porque as primeiras reações da criança pequena ao desprazer são de natureza corporal. Ferenczi retomou o conceito de trauma construído por Freud com o objetivo de tentar compreender as estruturas psíquicas mais prejudiciais. Para explicar a importância desta retomada, Ferenczi (1929/1982) afirma que "uma análise não pode ser considerada acabada, pelo menos em teoria, se não conseguirmos atingir o material mnêmico traumático" (Fontes, 2002: 37). Para tanto, é preciso que o paciente sinta o comportamento do analista como diferente dos acontecimentos vividos em sua verdadeira família. Em análise, sabendo que está protegido da repetição, faria a ousadia de mergulhar na reprodução de um passado permeado pelo desprazer.

A formulação principal de Fontes nesta obra é sobre como o analista entrará em contato com estas experiências traumáticas inscritas na memória corporal. Preocupada com a elaboração de uma técnica mais favorável ao retorno dessas experiências traumáticas, a autora sugere a

criação de um ambiente de confiança entre o analista e o paciente para que haja liberdade de sentimentos e, assim, os sintomas corporais apareçam.

A autora desenvolve o mesmo ponto de vista sobre a não-inscrição simbólica, outra noção ferencziana, segundo a qual as lembranças dos primeiros anos de vida ficariam impressas no corpo e somente nele poderiam ser despertadas. Fontes compartilha a idéia de que a percepção inscrita no pré-verbal não é memorizável simbolicamente. Ou seja, o índice de qualidade ficará registrado, "podendo, em certo momento, advir como 'anúncio' ou 'índice'". Anzieu (1990) demonstra estar de acordo com Ferenczi, ao mencionar que todo traumatismo ocorrido antes da constituição de um envelope psíquico não se inscreve no psiquismo e sim no corpo. Por serem irrepresentáveis, essas sensações são inacessíveis à linguagem, muito embora constituam a maneira de ser do sujeito.

A proposta de Fontes é evocar estes traços mnêmicos corporais constituídos por fragmentos de impressões sensoriais da tenra infância para que o psicanalista possa compreender os mecanismos da memória corporal. Esta seria despertada no curso da análise pelo fenômeno da "regressão alucinatória" na transferência, caracterizada por um retorno do infantil. Fontes menciona que Freud (1938/1967) escreve que ao analisando reencarna em seu analista um personagem do passado. Porém ela enfatiza que não se trata de um elemento de ordem espiritual: "Ao contrário, o sentido é muito próximo de sua etiologia carne. Reencarnar significa fazer-se carne novamente" (Fontes, 2002: 67).

Dessa forma, a autora enfatiza a dimensão corporal da transferência, que permite a reatualização da sensorialidade. Nas suas palavras, "a transferência oferece condições para um retorno do memorial inconsciente, não somente recalçado, mas registrado numa outra ordem - a ordem do sensorial" (Fontes, 2002: 14). A ocorrência deste retorno no tratamento possibilita ao paciente reintegrar-se na sua própria história. A originalidade de Fontes estaria na técnica do analista de não só considerar as associações de idéias no processo analítico, mas sobretudo as associações de sensações. Muitas vezes, o que acontece entre analista e analisando não chega a ser expresso em palavras, pois haveria uma estranheza intraduzível permeando esta relação. É preciso que estes registros sensíveis e inomináveis sejam elaborados de forma a promover a passagem de sensação para representação.

Freud admitiu, num momento de sua teoria, estarmos por vezes no campo do energético. A partir disso, Fontes afirma que "temos que procurar quais as representações desse energético, mesmo que se torne necessário construir essas representações" (Fontes, 2002: 105). Em certos momentos, há um vazio de palavras entre o analista e o paciente, havendo um tropeço na atividade verbal, até então fonte do trabalho. A autora desenvolve a idéia importantíssima de que, nestes momentos, deve-se tentar ligar palavras às sensações para que seja possível estabelecer uma aliança, ainda que frágil, entre o sensível e o inteligível. Ao analista caberia assumir o papel materno de significar as transformações corporais do paciente assim como a mãe faz com seu bebê.

O argumento fundamental para compreender a importância deste papel é que, caso as sensações precoces sejam recebidas e entendidas por um outro, a existência do paciente pode se tornar mais substancial justamente por estar simbolizada. Os significantes, antes mortos, agora estariam conectados com o sensorial pulsional.

Muitos autores afirmam a importância dos primeiros anos de vida para a constituição do aparelho psíquico. No entanto, não se pode pensar, nem mesmo trabalhar estes primeiros anos de vida sem uma abordagem do elemento corporal. A neurociência vem pesquisando, por meio de exames de laboratório, como o surgimento das emoções ocorre primeiramente no corpo, só depois chegando a regiões cerebrais que não são as do raciocínio lógico (Jornal *O Globo*, 2005).

Descobertas deste tipo em certo sentido ressaltam a importância de nós, psicanalistas, estarmos atentos e darmos sentido a estas sensações corporais, já que fizeram parte de um período relevante para o desenvolvimento mental. Este é o caminho percorrido por Ivanise Fontes, que vai ainda mais longe na sua argumentação, ao considerar haver uma perda importante na eficácia do processo analítico caso essa modalidade de comunicação entre analista e paciente continue não sendo valorizada.

Psicanálise e Literatura: A Interpretação

Olga de Sá

RESUMO

Trata-se das relações entre Psicanálise e Literatura, a partir dos textos de Psicanálise Aplicada de Freud, tendo como tema a interpretação de textos.

ABSTRACT

It is about the relationships between Psychoanalysis and Literature, starting from the texts of Applied Psychoanalysis of Freud, tends as theme the interpretation of texts.

Os estudos das relações entre Psicanálise e Literatura, Psicanálise e Semiótica estão, cada vez mais, na ordem do dia. Essas relações passam, necessariamente, pelo enfoque psicanalítico do texto do paciente e pelo enfoque literário ou/e semiótico do texto artístico, em geral, e mais especificamente, do texto literário, pois também a Psicanálise trabalha com o Verbal. *Via interpretação.*

A **interpretação** de textos artísticos e literários foi uma das atividades de análise, exercida por Freud.

Freud declarou que embora não fosse um conhecedor de arte, mas um leigo, no assunto, contudo as obras de arte sempre exerceram sobre ele um efeito poderoso, sobretudo a literatura e a escultura e, menos freqüentemente, a pintura. Passava longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à sua maneira e explicar-se a razão de seu efeito sobre si mesmo e sobre outras pessoas.

Sua dificuldade maior era com a música, pois a inclinação racionalista ou analítica de sua mente insurgia-se contra o fato de emocionar-se sem poder explicar o motivo de tal comoção. Segundo Freud, as maiores criações de arte são incompreensíveis e constituem verdadeiros enigmas. Esse estado de "perplexidade intelectual" pode ser uma condição necessária para a fruição da obra de arte.

Freud, inconformado com essa falta de explicação, dirige sua análise então, para a **intenção** do artista, não para compreendê-la intelectualmente. Expressa na obra, essa **intenção** deve despertar em nós a mesma "constelação mental" que no artista produziu o ímpeto de criar.

Assim, a **intenção** do artista concretizada na obra, no texto, poderia ser compreendida e comunicada em palavras, como todos os outros fenômenos da vida mental.

Daí, segundo Freud, ser impossível compreender uma obra de arte, sem aplicar-lhe a Psicanálise, isto é, **interpretá-la**, descobrir-lhe o **significado** e o **conteúdo**. (Freud, 1992: 497).

Freud declara não ser atraído pelas qualidades formais e técnicas da arte, embora essas tenham mais valor para o artista.

Interessa-lhe saber de que fontes o artista - esse estranho ser - retira seu material e desperta em nós emoções que desconhecíamos. Somos também incapazes, por mais explicações que encontremos, de tornar-nos poetas ou escritores.

Freud levanta a hipótese de procurar, na infância, os traços da atividade imaginativa do artista. Encontra-os na atividade favorita e mais intensa da criança, que são os jogos e o brinquedo.

Ao brincar, toda criança comporta-se como um artista, cria um mundo novo, ajustando em forma nova os elementos de seu próprio mundo .

A antítese do brincar é o **real**.

O poeta faz o mesmo que a criança ao brincar: cria um mundo de fantasia, leva-o a sério, investe nele grande quantidade de emoção - catexia - e distingue-o muito bem da realidade.

Ao crescerem, diz Freud, as pessoas param de brincar e perdem o prazer da infância.

Mas não renunciam a ele. Trocam-no por outro, pelo **fantasiar**. Criam **devaneios**, difíceis de observar, porque os adultos se envergonham de suas fantasias e as ocultam, por serem infantis e, muitas vezes, por serem proibidas.

Conhecemos essas fantasias, porque muitas pessoas, vítimas de doenças nervosas, são obrigadas a revelar a um médico seus devaneios, para serem curadas. A Psicanálise é a melhor fonte de conhecimento das fantasias dos adultos, realizações de desejos reprimidos (Freud, 1992: 423).

Assim, a ênfase que Freud coloca na infância, ao analisar uma obra de arte como a de Leonardo Da Vinci, por exemplo, deriva da suposição de que a obra literária como o devaneio é um substituto do brincar infantil (Freud, 1992 : 426).

Porque a obra de arte produz em nós **prazer**, quando o **relato** direto das fantasias de uma pessoa nos causa indiferença ou até repulsa?

A "ars poética" ou a técnica do escritor ou do poeta - sempre inexplicável para nós - é que nos leva a superar essas barreiras. Ou porque o escritor nos suborna com o prazer puramente formal ou estético que suaviza ou disfarça o caráter egocêntrico de seus devaneios ou porque o escritor nos proporciona um prazer semelhante ao seu, ao devanear: nos deleitamos com nossas próprias fantasias e nos liberamos de tensões (Freud, 1992: 426-7).

Essas idéias levaram Freud a endereçar sua pesquisa psiquiátrica a alguns grandes nomes da História da Arte e da Literatura, fazendo o que ele chamou a "psicografia do artista criador".

Declarou acreditar que "não existe ninguém tão grande que venha a ser desonrado simplesmente por estar sujeito às leis que regem, igualmente, as atividades normais e as patológicas"(Freud, 1992: 428).

Em seu ensaio "O poeta e a fantasia"(1908), que vamos citando, Freud focalizou a relação entre o brinquedo infantil e as fantasias criativas.

Na verdade o título inglês do ensaio "***Creative Writers and Day - Dreaming***" orientou a tradução brasileira da Ed. Imago "**Escritores criativos e devaneios**". Mas a palavra **Dichter**, do título alemão, refere-se tanto a romancistas como a dramaturgos e poetas.

Esse **Ensaio** é a maior contribuição de Freud para a compreensão da Psicologia da criação artística. Esta é, aliás, a opinião de Peter Gay, na breve introdução que lhe faz.

Freud também interpretou obras de Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Dostoievski, Goethe, Shakespeare, Jensen, Hoffmann etc..

O primeiro estudo publicado, sobre obra literária em 1907, foi "*Delírios e Sonhos na **Gradiva** de Jensen*".

"**Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci**", de 1910, é uma biografia psicanalítica.

As considerações que Freud tece sobre a homossexualidade de Leonardo, como um tipo particular de escolha de objeto, como diz Peter Gay em seus comentários, guardam ainda hoje grande interesse (Freud, 1992: 427).

A Psicanálise descreve a psicografia de uma personalidade para compreender complexos e metamorfoses, leis da vida psicológica humana de pessoas célebres para ilustrar a teoria freudiana sobre o Inconsciente.

A Psicanálise não pretende explicar a criação artística, pois para Freud, o poeta é uma espécie de feiticeiro, guiado pela inspiração. As pulsões que levam um artista a criar seriam as mesmas que levam outras pessoas à neurose.

Porém, o artista exprime suas fantasias, torna-as aceitáveis e até prazerosas a outros, realizando os desejos próprios e os alheios.

Embora, o ensaio de Freud sobre "**O Moisés de Michelangelo**" seja, segundo Dante Moreira Leite, a melhor introdução sobre a maneira freudiana de interpretar a obra de arte, por tratar-se de uma obra de escultura, não vamos enfocá-la (Leite, 1987: 117).

Vamos deter-nos em obras especificamente literárias. Por exemplo: "*Uma lembrança infantil de Goethe*" em **Poesia e Verdade**.

Segundo Freud, Goethe começou a redigir sua biografia aos 60 anos. Narra ele a cena das louças, cena de sua primeira infância. Goethe, com ciúmes de seus irmãos, incentivado pelos vizinhos, joga as louças recém-compradas pela janela, como faria "o filho único", desfazendo-se de seus irmãos.

Freud atribui grande valor às recordações da primeira infância. Um fato que escapa ao esquecimento não pode ser insignificante. Devemos suspeitar que o que foi conservado na memória é também parte importante dos acontecimentos daquela época da vida. Ou já tinha importância naquelas circunstâncias ou adquiriu-a mais tarde, sob a influência de situações posteriores. A fim de reconhecer sua relevância é necessário certo trabalho de interpretação. Na elaboração psicanalítica de uma biografia, muitas vezes, se consegue esclarecer o significado das primeiras recordações infantis. A recordação que se descreve primeiro é sempre a mais importante, a que encerra em si a chave dos compartimentos secretos da vida anímica daquela pessoa.

Mesmo levando em conta que o prazer de Goethe menino fosse causado pelo barulho das louças quebradas, jogar "pela janela" constituiu parte importantíssima do ato mágico e de seu sentido oculto. A nova criança deve ser jogada "fora de casa", e, sendo possível, pela janela, que é por onde veio.

Eis o que escreve Goethe:

"Fui um filho de sorte; o destino conservou-me com vida, não obstante ter eu nascido aparentemente morto. Mas eliminou a meu irmão de modo que não precisei repartir, com ele, o amor da mãe" (apud Speyer, 1963: 44).

Goethe encabeçou sua biografia com estas palavras: "*a raiz da minha força foi a minha posição privilegiada em relação à mãe*" (apud Speyer, 1963: 45).

Freud se serve da análise de um texto literário para confirmar suas teorias, e, neste caso particular, o complexo de Édipo.

Analisa também o tema do parricídio na vida e na obra de Dostoievski, sublinhando o complexo de castração e o sentimento de culpa, processos derivados do complexo de Édipo. Com o assassinato do pai, a realidade cumpriu os desejos reprimidos de Dostoievski, que passou a punir-se mais violentamente por meio dos ataques de epilepsia.

O ataque epilético é precedido por um instante de máxima felicidade, fixado talvez no sentimento de triunfo.

Semelhante sensação de triunfo e de pesar, encontramos-la retratada na obra de Dostoievski, **Os irmãos Karamazoff**, depois do assassinato do pai.

A condenação de Dostoievski pelo Czar (o paizinho) como delinqüente político, apesar de injusta, foi aceita pelo escritor, como substituição do castigo de que seu pecado contra seu verdadeiro pai o tinha tornado merecedor.

No romance, Dostoievski cria uma situação semelhante à sua própria: os filhos desejam matar o pai, e este é morto pelo irmão a quem Dostoievski atribui a epilepsia, como se quisesse confessar que o epilético, que havia nele, era um parricida (Freud, 1992: 203-23).

O fato de pesquisas recentes terem descoberto que o assassinato do pai de Dostoievski é duvidoso não tem grande importância. As psicobiografias não pretendem reconstruir a verdadeira infância do artista, mas descobrir que fantasias as obras de arte manifestam.

Ao analisar **Os irmãos Karamazoff**, por exemplo, Freud descreve a cisão da personalidade de Dostoievski nas várias personagens do romance como no estudo sobre Leonardo descreveu a escolha do objeto narcísico e certa forma de narcisismo.

Em "**O tema dos três escritórios**", "descreve a relação com os três aspectos maternos: a mãe que dá amor, que se torna uma parceira e que traz a morte. Sugere que a escolha do terceiro escritório, o de chumbo, que faz Antônio em "**O mercador de Veneza**", representa a escolha da morte. De modo semelhante, interpreta Cordélia, em "**Rei Lear**", como símbolo da morte, e a reconciliação de Lear com Cordélia, a reconciliação com a morte". (Segal, 1993: 86).

Freud diz a respeito de suas próprias interpretações de obras de ficção:

"Como, aliás, todo o sintoma neurótico, e como o próprio sonho são possíveis de super-interpretação(1), que mesmo lhes é indispensável para serem exhaustivamente compreendidos, assim também qualquer legítima criação poética terá nascido de mais de um motivo, de mais de um estímulo na alma do poeta, e possibilitará mais de uma interpretação. Eu aqui tentei interpretar apenas a camada mais profunda do que se passa na alma do poeta-criador" (Speyer, 1963: 52).

Em outra oportunidade diz a respeito de Shakespeare:

"Consideremos a obra-prima de Shakespeare, Hamlet, peça hoje com mais de três séculos. Tenho acompanhado de perto a literatura psicanalítica e aceito sua pretensão de que somente depois de ter tido o material da tragédia remontado pela psicanálise ao tema edipiano é que o mistério de seu efeito foi por fim explicado. Mas antes que isso fosse feito, que volumes de esforços interpretativos diferentes e contraditórios, que variedade de opiniões sobre o caráter do herói e as intenções do dramaturgo". (Freud, 1992: 497).

Foram feitas muitas críticas a Freud quanto à sua pretensão de atribuir uma única significação verdadeira e mais profunda para a obra de arte de um poeta ou artista criador: a encontrada pela análise psicanalítica. É inegável porém a contribuição da Psicanálise à arte, em geral, e à literatura, em especial, e da Arte à Psicanálise.

A Psicanálise tem tudo a ver com a **palavra**.

Embora tenha sido Lacan quem reexaminou todo o campo da linguagem, em Psicanálise, centrando-o no conceito de significante - tirado da lingüística saussuriana - a partir de Breuer e Freud já se destaca o traço da "verbalização", na análise psicanalítica.

No caso de Anna O., ela curou-se não só pela "tomada de consciência" de seu trauma, mas por ter finalmente falado o que nunca havia dito antes. Foi uma cura pela palavra, como a chamou Anna O.: "**talking cure**". Curou-se porque conseguiu **dizer** o nojo que sentiu, ao ver o cão beber água no copo.

As formações do Inconsciente são reguladas pela linguagem. "O Inconsciente é estruturado como linguagem", dirá Lacan. É o que acontece no sonho, cuja **interpretação** é chamada a via régia da Psicanálise. Texto complexo, sua leitura exige uma atenção particular do analista. É também o caso do chiste que engana a censura, dando a entender o que é

proibido, como demonstra Freud em seu artigo: "Os chistes e sua relação com o Inconsciente"(1905). (Freud, 1992: V. VIII).

É o caso dos lapsos de linguagem, dos atos falhos que aludem a um desejo, expressando-o pela metáfora ou pela metonímia.

Aliás, para Lacan, é porque fala que o sujeito se pergunta "Quem sou eu?" e se engaja na busca do ser. Assim, Lacan designa o ser humano como "falasser", porque o ser é um efeito da linguagem.

A Linguagem é importante para o ser humano, na infância, antes mesmo da intenção de significar. O significante não é apenas um efeito de sentido. O "Homem dos ratos", analisado por Freud, é tomado pelo desejo de emagrecer. "Gordo" em alemão é "dick" e **Dick** é o nome de um rival, de quem o Homem dos ratos queria se desfazer. Matar **Dick** é o mesmo que "dick" = emagrecer.

O **sintoma** substitui o que **não foi dito**. O sintoma, no caso, é o "significante"de um significado, inacessível ao sujeito.

O "**Homem dos lobos**", também analisado por Freud, é um exemplo conhecido e esclarecedor. Aparece, no tratamento, sempre o mesmo símbolo representado pela letra V ou o cinco romano V. Às cinco da tarde o paciente tinha crises depressivas, em sua infância. Essa também era a hora de uma cena primitiva: ele vira os pais mantendo relação sexual. Teve também conflitos com diversas pessoas, cujo nome começava com V ou W. em sonhos; simbolizando a castração, são arrancadas as asas de uma vespa (Wespe) que ele diz **espe** ou SP. O V invertido **Ã** representa as orelhas dos lobos.

Assim, talvez se devesse fazer referência mais à poética que à lingüística, quando se trata de **interpretação**. O analista deve estar atento às diversas conotações do significante. A estrutura da linguagem não se esgota na dimensão horizontal: sintaxe e articulação de sintagmas. Mas se torna mais complexa com as figuras ou tropos: metáfora - uma palavra substitui outra - ou metonímia - conexão de uma palavra com outra. Assim se criam novas significações.

Metáfora e metonímia podem ser aproximadas dos processos oníricos: condensação e deslocamento.

O texto literário e o texto do paciente exigem **interpretação**. Existe sempre um sentido manifesto e um sentido latente, que o analista faz surgir. Esta foi uma das principais contribuições de Freud ao conhecimento do sujeito humano.

Também , no caso dos sonhos, se interpreta o sonho manifesto, para que se revele o sentido latente, escondido freqüentemente sob seus aspectos absurdos e incoerentes, levando sempre em conta as associações do sonhador.

A interpretação jamais deve privilegiar um sentido em detrimento de outros possíveis, devido a cadeias associativas diferentes.

A polissemia caracteriza a linguagem. A poesia, por exemplo, faz ressoar muitos sentidos.

Assim também, o analista evita que suas intervenções sejam entendidas como unívocas. Mas, baseado nas palavras mestras que orientam a história do paciente, o analista faz valer o caráter polissêmico das palavras.

A interpretação apresenta ao paciente novas significações, como acontece na **interpretação** de um texto literário. O crítico ou analista de uma obra literária jamais afirma que sua leitura é a verdadeira, e muito menos, a única possível.

As aproximações que nos ocorrem a respeito de interpretação psicanalítica e interpretação literária nos fazem lembrar da **paródia** e da **paráfrase**.

Geralmente se entende **paródia** no sentido de burla ou zombaria.

Tomamos **paródia** no seu sentido etimológico de "canto paralelo". A paródia, neste sentido, é um texto-segundo, que se constrói sobre um texto-primeiro, que lhe serve de suporte.

Existe, portanto, a paródia séria, sobre um texto, que o artista admira e respeita e com o qual dialoga, uma espécie de intertexto.

Teçamos algumas considerações apoiadas nas observações de Affonso Romano de Sant'Anna.

A paródia é modernidade. Embora não seja recente, intensificou-se o seu uso.

A paródia se define como um jogo de textos e este aspecto é que nos interessa, no momento. Um jogo de textos em que os dois planos aparecem deslocados. Emprega-se a fala de um outro, no caso da Psicanálise, do Inconsciente. A segunda voz, depois de se ter alojado na outra fala, obriga-a a decifrar-se.

A paráfrase não acentua esse aspecto de deslocamento. Ela traduz. Colhendo um conhecido exemplo literário, segundo Sant'Anna:

Texto original: Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá

Paráfrase - Carlos Drummond de Andrade - "Europa, França e Bahia"

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos

Minha boca procura a "Canção do Exílio"

Como era mesmo a "Canção do Exílio?"

Eu tão esquecido da minha terra...

Ai terra que tem palmeiras onde canta o sabiá!

Paródia - Oswald de Andrade - "Canto de regresso à Pátria"

Minha terra tem palmares

onde gorjeia o mar

os passarinhos daqui

não cantam como os de lá.

Na paráfrase de Drummond, o deslocamento é mínimo e ele usa uma técnica de citação ou transcrição. No texto de Oswald, o distanciamento é grande e ocorre um processo de **inversão** de sentido.

A paródia está do lado do novo, do diferente; a paráfrase, do lado do idêntico, do semelhante. A paródia contesta. A paráfrase é conservadora.

Na paráfrase alguém está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz do outro. Na paródia, busca-se a fala recalcada do outro.

A paráfrase é um discurso sem voz, pois está falando o que o outro já disse. Não há a tensão entre os dois jogadores. A paródia é uma disputa aberta de sentido, um choque de interpretação.

Pode-se também explorar a relação que existe entre paródia e representação. A representação na literatura está ligada ao drama e ao teatro; mas, na psicanálise, representação é re-apresentação.

A re-apresentação psicanalítica é a emergência de algo que ficou recalcado e agora volta à tona. É como o que ocorre no sonho. O sonho nos re-apresenta algum desejo não realizado no dia-a-dia. O sonho nos possibilita desrecalcar e liberar nossas tensões. O texto paródico faz uma re-apresentação do discurso. A paráfrase é uma espécie de espelho. A paródia é uma lente que exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte num elemento dominante. Ela procura decifrar o enigma da Linguagem, busca a diferença e autonomia. (Sant'Anna, 1988: cap. 5 e 6).

Em certos casos, no contexto psicanalítico, o doente sofre de uma afasia sensorial e não pode pronunciar a palavra; permanece na paráfrase enquanto **repetição**, e não encontra o sinônimo.

Lembremos a afirmação de Heidegger: "A linguagem é a casa do ser" e, portanto, as patologias da linguagem são sintomáticas das patologias do ser e estas sempre se manifestam na linguagem.

[Início da página](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, Roland (1995). *Dicionário de psicanálise*, trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

DICIONÁRIO DE PSICANÁLISE (1994). *Freud & Lacan*. Salvador, Bahia: Ágalma.

FREUD, Sigmund, 1856/1939 (1992). *Sigmund Freud: obras psicológicas*: antologia organizada e comentada por Peter Gay; comentários traduzidos por Arthur Netrovski, RJ: Imago Ed..

_____ "*Escritores Criativos e Devaneios*", in Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, trad. sob Direção Geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Ed., vol. IX.

_____ "*Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*", in o .c., vol. XI.

_____ "*A Gradiva*, in o . c. , vol. IX.

_____ "*Chistes e sua relação com o Inconsciente*", in o .c., vol. VIII.

_____ "*Uma neurose infantil*" (Homem Lobo), in o . c. , vol. XVII.

_____ "*Dostoievski e o parricídio*", in o . c., vol. XXI.

_____ "*O tema dos três escrínios*", in o . c..

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., v.2 e 3.

GAY, Peter (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*; trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras.

JENSEN, Wilhelm (1992). *Gradiva - Uma fantasia pomperiana*, tradução Angela Melim. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed..

LAPLANCHE; J. e PONTAILS; J. B. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*, trad. de Pedro Tamen. Santos: Livraria Martins Fontes.

LEITE, Dante Moreira. (1987) *Psicologia e literatura*. 4ª. ed.. São Paulo: Hucitec/Ed. Unesp.

PSICANÁLISE; MENTE E ARTE - NA PERSPECTIVA DE RICHARD WOLHEIM/JIM HOPKINS E ANTHONY SAVILLE, orgs, (1995); trad. de José Luiz da Silva e outros. Campinas. São Paulo: Papirus.

SANT'ANNA, Affonso Romano (1988). *Paródia, Paráfrase & Cia*. 3ª. ed.. São Paulo: Ática.

SEGAL, Hanna (1993). *Sonho, fantasia & arte*, Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago Ed..

SPEYER, W. S. Jonas (1963). *Freud, o desconhecido*. Assis: FFCL..

[Início da página](#)

NOTA

(1) Super-interpretação é uma interpretação que descobre mais de uma motivação completa.

LA DOUBLE LIMITE

Quando o pensamento foi introduzido por Freud na teoria, foi com uma certa reticência que ele se viu obrigado a abordar a questão, como se ele tivesse preferido não fazê-lo. A descoberta tardia do Esboço nos revelou a parte considerável que o pensamento ocupa nesse primeiro esforço de sistematização teórica renegada por seu autor.

É, sem dúvida, a análise das Memórias de Schreber que levou Freud a completar a teoria por uma reflexão psicanalítica sobre o pensamento. Ela terá lugar em um escrito contemporâneo: "Formulações sobre os dois princípios do curso dos acontecimentos psíquicos". Esta exposição, qualificada de introdutória, desconcertará os psicanalistas que a ouviram, porque eles ignoravam a extensão que o problema do pensamento ocupava na longa germinação privada que Freud começou em 1895 e não se resolveu a tornar pública antes de 1911.

Pensamento e realidade irão paralelos nos desenvolvimentos posteriores de Freud e se tornarão uma preocupação de importância crescente na parte terminal de sua obra, onde a psicose e os mecanismos psicóticos são cada vez mais presentes.

Não se pode dizer que ele fez um aprofundamento verdadeiro das hipóteses do início. O progresso veio com o quadro conceitual onde o pensamento é recolocado (A negação, 1925). As observações de Freud sobre o pensamento continuam sempre incidentes.

Há, portanto, demora e reticência, evitação e mal-estar, parecendo que se tratava de não se deixar desencaminhar do essencial da problemática psicanalítica. O pensamento não faz parte, aos olhos de Freud, do corpo de conceitos fundamentais da psicanálise: as pulsões, o inconsciente, o recalque....., de onde ele deriva, sem poder pretender o status de hipótese de base.

Eu duvido que o que a psicanálise pudesse ter a dizer sobre o pensamento ultrapasse o enquadre das relações entre esse impensável que é a pulsão e a elaboração da qual ela é objeto pela linguagem que permite ao pensamento se destacar dela. Mesmo se é por ocasião das relações com a realidade que a psicanálise é obrigada a levá-lo em conta, é sempre o problema das fontes do pensamento e de seu enraizamento na vida pulsional que serão objeto da teorização. É importante também não se enganar em relação a essa conjunção entre pensamento e realidade que não é para o psicanalista mais que uma relação obrigatória, mas secundária.

É com Bion que se inaugura uma verdadeira teoria do pensamento, resultado da experiência psicanalítica com os psicóticos em quem se localiza, em primeiro plano, as perturbações do pensamento. Na realidade, a obra de Bion promove uma verdadeira reformulação da teoria psicanalítica. Se ele religa o fio interrompido por Melanie Klein com as idéias de Freud, Bion redefine atividade psíquica a partir de um ponto de vista situado no extremo oposto daquele escolhido pelo fundador da psicanálise já que não é mais do neurótico mas do psicótico que parte a elaboração teórica. É preciso, entretanto, sublinhar que o esforço de rigor e o fantasma de uma matematização da teoria que habita Bion, como aconteceu com Lacan, dissolveu-se na parte terminal de sua obra, como se o autor experimentasse algum ceticismo com relação a sua tentativa de teorização anterior. No entanto, é a essa parte de seu trabalho que seus leitores ficam mais ligados.

Parece-me que atualmente os analistas lidam cada vez mais com os pacientes considerados difíceis e veem-se obrigados a abordar o problema do pensamento por questões práticas, por que mesmo quando não são psicóticos, a população analítica atual não é constituída de neuróticos. Quando as perturbações de pensamento não se apresentam

de imediato em seus quadros clínicos, elas impõem, infalivelmente, um esforço de pensamento ao analista, o que leva a adivinhar dentro deles a existência, mais ou menos latente, de uma problemática desse tipo. A resistência, a compulsão à repetição, o caráter rebelde das pulsões não explicam tudo, na dificuldade destas análises. Outros conceitos parecem ter que intervir.

Procurando através dos trabalhos de Freud, Melanie Klein, Bion e Winnicott, os eixos teóricos que deveriam entrar em jogo para uma clínica e uma teoria do pensamento, parece-me que, mais ou menos explicitamente, todos se referem a instrumentos teóricos cujo valor ordenador não é sempre devidamente valorizado. São estes que me proponho a considerar nesse trabalho.

Vou me contentar, nesse momento, em enunciá-los:

1) **O LIMITE** – Nenhuma teoria do pensamento, mesmo que não se refira a isso sempre, pode dispensar de colocar, preliminarmente, o problema do limite entre o externo e o interno. Isto está implícito quando se considera o problema da projeção na perspectiva clássica de Freud ou aquela da identificação projetiva de MK e de Bion, ou ainda aquela da forclusão lacaniana. A dificuldade aqui é articular a relação entre esse limite entre interior e exterior com o que separa os sistemas Consc-Préconsc e Inconsciente. Isto não é mais que a formulação teórica de um problema clínico e técnico relativo às modalidades de transferência nos pacientes não neuróticos, pela função que tem o objeto, o limite sendo sempre recolocado em questão, nas relações de reunião e de separação com ele.

2) **A REPRESENTAÇÃO** – conceito dominante da teoria freudiana, ela cobre, no mínimo, um duplo campo: representação de coisa e de palavra, o que obriga a levar em conta o movimento de abstração que conduz de uma a outra e sua retroação no processo regressivo que conduz a tratar as palavras como coisas. A representação não pode evitar a referência ao modelo ótico da psique, ainda que todo o problema aqui seja a passagem de uma estrutura refletora (réfléchissante) – necessariamente deformante – a um mundo onde a representação não representa mais do que relações. Desde que eu propus com Jean-Luc Donnet o conceito de psicose branca*, a função da representação me aparece progressivamente como a referência do trabalho psicanalítico. Quaisquer que sejam as modalidades que obrigam a arrumar, arranjar, adaptar, (aménager) o enquadre analítico, o que a ação analítica visa essencialmente é, no final das contas, a representação dos processos psíquicos, intra subjetivos e intersubjetivos. O resto pertence a uma organização própria do sujeito onde o analista não tem parte. Eu sugeriria mesmo que as adaptações do enquadre não tem outra função que a facilitação da função de representação. A referência que é feita freqüentemente à transferência para justificar as modificações técnicas não é negada por isto que afirmo, na medida em que não se trata de mais do que levar a transferência ao nível do que é representável, elaboração primeira e ponto de partida das elaborações ulteriores. Para que haja insight é preciso que haja o representável.

* *J.-L. Donnet et A Green, L'Enfant de Çà: Psychanalyse d'un entretien, la psychose blanche, Minuit 1973. Esse trabalho comporta uma longa elaboração sobre o pensamento, dos quais certos pontos serão retomados neste artigo. Entretanto, as perspectivas que desenvolvo agora são tiradas da análise dos casos-limite. Utilizo aqui o termo representação no sentido conceitual mais amplo, incluindo o afeto ligado à cadeia representativa (representant affect), mas excluindo aqueles que não podem acompanhar nenhuma representação ou mesmo que se opõem. Ora, é da não admissão de representações no Préconsc. ou do sentimento de não conseguir dar uma forma representável a certos estados afetivos extremamente angustiantes que provêm a paralisia do pensamento.*

3) **A LIGAÇÃO** – em sua relação com o desligamento que é talvez o conceito mais geral da psicanálise, já que se aplica tanto às energias quanto aos conteúdos e aos diferentes materiais que os veiculam. A questão maior aqui é a orientação que preside à ligação, isto é, sua finalidade. Representar já é ligar, mas pensar é re-ligar as representações de um modo não especular. Se a análise continua como o processo essencial através do qual as transformações das ligações podem acontecer no aparelho psíquico, é preciso não desconhecer que ela visa as sínteses, mais ou menos elementares e mais ou menos compactas, que podem fazer obstáculo às recombinações esperadas. Eu liguei a simbolização aos processos de ligação como caso particular dessa função: simbolização interna na psicanálise de inspiração estruturalista de Lacan que difere da concepção kleiniana na que ela parece repousar sobre fundamentos inatos ainda que ela seja uma evolução de Melanie Klein; simbolização à articulação do externo e do interno em Winnicott no espaço potencial onde uma nova reunião preside à separação.

Ao problema da ligação, é preciso ligar não somente os regimes onde esta funcione de maneira diferente (primária ou secundária) mas ainda os processos que presidem à comunicação entre estes diversos níveis de funcionamento, porque nenhuma teoria do pensamento em psicanálise pode se contentar de se ligar somente aos produtos finais dos pensamentos sem religá-los a suas formas de organização inconscientes e a sua ancoragem ao material mais bruto do qual o pensamento emerge.

4) **A ABSTRAÇÃO** - é a característica mais específica do pensamento. Supõe uma depuração dos derivados pulsionais e da carga afetiva pela qual eles se manifestam.

Parece-me que não se pode concebê-la sem fazer intervir o trabalho do negativo – da forclusão à negação – cujas conseqüências são, às vezes, econômicas e simbólicas. (Freud – A negação). Todas as teorias existentes tentam explicar essa evolução dos representantes da pulsão para a abstração por uma série de operações mais ou menos inscritas na continuidade, ainda que um exame atento mostre que a abstração é o fruto de uma mutação com relação à representação que só pode se explicar por uma ruptura instaurando uma descontinuidade, com o (effacement) desaparecimento desta. É então que é preciso que a alucinação negativa faça seu papel conceitual, na falta do qual estaremos sempre diante de um misterioso salto no intelectual que permanecerá inexplicado. Mas se coloca aqui ainda o problema da orientação, da finalidade da abstração porque o pensamento e a abstração andam paralelamente com o exercício de um poder de dominação e de controle – testemunhado pela onipotência do pensamento – que recebe a prova de sua plena eficácia uma vez que seus objetivos se limitem à exploração do mundo físico sendo muito mais discutível quando seu objeto é seu mundo psíquico. Através do conhecimento desse universo, o pensamento deve obedecer à dupla tarefa de se afastar suficientemente dos derivados pulsionais onde ele nasce sem cessar de manter o contato com suas raízes afetivas que lhe dão seu peso de veracidade. Há uma estrutura paradoxal do pensamento que não pode ser ultrapassada.

Estes 4 parâmetros me parecem aptos a abranger o mínimo de condições a satisfazer uma teoria do pensamento em psicanálise. Devo acrescentar que entre eles, o limite me parece dominar os outros. É aquele em torno do qual os outros vão se ordenar. Eu insisto porque me parece que isso foi pouco colocado em relevo nos trabalhos consagrados ao pensamento, ainda que eles o levem sempre em consideração.

É sobretudo ao parâmetro do limite que tratarei nesse artigo considerando os outros em sua relação com ele.

*

A concepção psicanalítica do pensamento está determinada pelo artifício que estrutura a experiência psicanalítica, isto é, o enquadre. Não é uma contingência observar que os pacientes que apresentam dificuldades de elaboração na área do pensamento, e em certos casos, quase uma recusa deliberada de pensar, são, também, aqueles que suportam mal o enquadre. Eles exercem uma pressão sobre ele, sempre tentados, no momento das reativações conflituosas, a fazê-lo explodir. Mesmo quando eles parecem aceitá-lo, eles manipulam, manobram, de uma maneira que ultrapassa de muito os arranjos internos que se observa nos neuróticos. Longe de utilizá-lo com os benefícios regressivos decorrentes, eles lutam com ele como se tivessem que lidar com um inimigo invisível que tiraria vantagem da situação, seja para liberar um ataque sobre seu Ego, seja para abandoná-los à sua *déréliction* (desencadernação) em algum deserto onde eles não podem esperar nenhum socorro ou que só seja povoado de presenças monstruosas.

Em outro lugar mostramos que a invenção do enquadre por Freud decorria do modelo do sonho. Em suas condições habituais, o enquadre visa favorecer a produção de um pensamento não-pensado do qual o trabalho dos sonhos nos dá o exemplo. Entretanto, sabemos hoje que não há nada de menos assegurado do que o trabalho do sonho e que as outras formas de vida psíquica noturna (insônias, sonambulismo, pesadelos, sonhos brancos etc) testemunham quando ele é posto fora de circuito ou testemunham o seu fracasso. E quando ele parece ter lugar, seu resultado depende da organização mental do sonhador. Ora, essa organização mental permanece estruturada pela dupla relação entre o externo e interno de uma parte e aquela que rege as instâncias CS-Pcs e Inc por outra parte.

O enquadre não determina somente as condições de um espaço de trabalho, ele modifica a economia dos limites. A clausura (clôture) que ele instaura coloca em tensão, em seu seio, os limites entre analisando e analista. Ele obriga o analisando a reestruturar sua identidade que a intensidade das trocas ameaça e a vigiar constantemente as fronteiras de sua psique contra a invasão interna (pelas pulsões) ou externa (pelo objeto), os dois estando perfeitamente confundidos por ele.

Nas estruturas não neuróticas, longe de se tratar de superar as limitações impostas pela realidade ao desejo encontrando satisfações desviadas, a investigação psicanalítica ensina que o essencial da atividade psíquica está voltada para a manutenção de uma relação com o objeto sempre ameaçada de destruição recíproca. Somente uma vigilância com relação aos limites protegeria, supostamente, uma autonomia caramente adquirida ainda que ela tivesse que sacrificar as satisfações pulsionais objetivas em benefício de satisfações narcísicas, ainda que o termo satisfação seja aqui contestável já que se trata principalmente de reassuramentos onde a mobilidade garante a independência do sujeito ou seu engajamento na ação constitui uma das modalidades desta autonomia, e que, em outro extremo, é freqüentemente o superinvestimento intelectual, produto de sublimações conseguidas com grande esforço, que assinala um vão e efêmero triunfo contra a vida pulsional. Esta periodicamente produz uma efração, de maneira particularmente selvagem, desencadeando, a nível do Ego, angústias narcísicas contra a intrusão interna de um objeto do qual se pensou estar livre pela retirada solitária alimentada somente pela sublimação.

Sexualidade e agressividade se reencontram na idéia de uma violência imposta do interior que é a violência mesma atribuída ao objeto interno que interdita o pensamento. A preocupação da manutenção da identidade está no centro das relações de objeto. A autonomia do pensamento – e isto não se dá sem criar grandes dificuldades na transferência e na receptividade às interpretações do analista – torna-se a aposta de um combate levado pelo analisando para se assegurar de sua identidade, isto é, para defender o território de seu Ego, como um único lugar onde uma constância de ser pode ser mantida, batalhando contra as invasões de um objeto que não pode jamais coincidir com esse mesmo Ego, passado um

certo nível de investimento limitado ou parcial. Não há mais busca de uma identidade no sentido de uma coincidência entre uma representação e uma percepção, mas uma luta encarnada para manter uma identidade interna sempre ameaçada por um objeto externo, sempre estranho ao Ego, inassimilável para ele. É, com efeito, aqui que o limite entre interno e externo, supostamente adquirido, está longe de estar assegurado, de onde a retirada para uma problemática identitária interna para assegurar a diferença com o objeto.

É freqüente que o objeto seja abertamente vivido como hostil ou nefasto – trata-se mais freqüentemente da mãe – de quem é preciso se defender porque ela é invasora e não se pode confiar nela. Mas o que revela a análise é - apesar de todas as tentativas de manter uma distância na realidade - uma magnetização do ego, atraído por este objeto que o excita por sua intrusão mesma. Uma tal excitação é aproveitada para oferecer ao ego uma ocasião de se reassenhorear no combate e de reforçar sua coerência como se o abandono ao prazer arriscasse qualquer dissolução de identidade: o perigo é, então, a perda de todo poder de oposição.

Mas, há outros casos onde é a situação inversa que é colocada, a união com o objeto maternal supostamente realizando a harmonia do ego, o acordo do ego com ele mesmo.

Durante longo tempo, a análise fez crer que este acordo só era possível com aquilo que provinha da mãe porque qualquer outro objeto apresentaria características estrangeiras que o tornariam ameaçante, arriscando o rompimento do vínculo com ela.

Mas, à medida que a análise prossegue, a idealização da imago maternal revela sua natureza defensiva. De fato, é a imago maternal que é percebida, ela mesma, como esse objeto ameaçante e intrusivo, contra o qual é necessário preservar a identidade. Isto quer dizer que temos que lidar com dois momentos diferentes do desenvolvimento e que o analisando tenta agora preservar uma aquisição duramente adquirida que o levou à separação da mãe tentando manter fora do alcance de sua intrusão o espaço psíquico conquistado? Seria talvez um ponto de vista muito simples. A existência de uma idealização primitiva tenderia, ao contrário, a mostrar que a mãe teria sido, desde sempre, uma estrangeira com a qual somente um falso self podia compor criando esta identidade de déni (em francês: identité de déni; déni = désaveu = recusa) que era a condição preliminar para o estabelecimento de uma relação de objeto. É, então, que se pode adivinhar a existência de um pensamento, extremamente sutil, utilizando a dupla negação mais que a negação ligada ao recalque, para preservar os segredos de um ego estrangeiro ao objeto. Este deve constantemente vigiar o não desvelamento de pensamentos em relação a um objeto cujas capacidades intuitivas testemunham a manutenção de uma ligação estreita quase simbiótica com ele enquanto que o excesso dessa intuição poderia revelar um desejo de ruptura para adquirir sua liberdade.

O que falta a esse pensamento que se funda sobre a preservação a todo preço da autonomia psíquica para ser um pensamento? Ele é tão ciumento de sua propriedade que se esgota não como um pensamento mas como meu pensamento. A defesa contra a avidez intrusiva que procurará possuir o objeto e controlá-lo se manifesta pelo seu contrário: a retirada para seu pensamento. Isso só diz respeito às relações de proximidade com o objeto transferencial ou seus equivalentes laterais. Por outro lado, o sujeito pode ser muito cooperativo ao nível da comunicação e da troca desde que não haja nenhuma implicação subjetiva. É preciso ver aqui uma variante do narcisismo? Pode-se pensar nisso, mas creio que se interpreta mal o sentido de seu funcionamento porque ainda que o narcisismo não esteja jamais ausente desse tipo de organização, parece-me que o investimento do sujeito visa preferencialmente o controle de seus limites que ele sente ameaçados a todo momento, e isto, mesmo sem que ele se entregue a projeções delirantes. É, ao contrário, o agarramento à realidade que é objeto de sua preocupação e a necessidade de que os outros partilhem e reconheçam uma

visão real à qual não há nada a redizer – enquanto tal – se o analista não perceber que a dita realidade é investida de uma maneira delirante sem que nenhuma idéia delirante se desvele jamais. De resto, a interpretação visando o que dessa realidade ilustra metaforicamente ou simbolicamente esses limites ameaçados, pode ser reconhecida sem mudar, entretanto, o vivido. Nessas estruturas, é preciso sempre que a agressão – intrusão no ego, no sexo ou no pensamento se fazem eco – venha de fora. A interpretação de identificação projetiva que é certamente a mais justa se choca com uma viva resistência porque ela levaria o sujeito a reconhecer que o movimento parte dele, o que contradiria a referência à realidade externa que se imporia a ele. É do real que partem todas as iniciativas. O Outro é real e se há um funcionamento psíquico a interrogar é o seu. A habilidade desses pacientes a detectar os movimentos contratransferenciais que eles induzem e aos quais o analista deve ceder, às vezes, porque ele é arrastado, conduzido a uma contraidentificação projetiva para aliviar seu próprio aparelho psíquico de uma tensão extrema, serve de confirmação à necessidade de consolidar as defesas narcísicas contra uma alteridade hostil na medida em que o outro não se limita a ratificar, confirmar o conteúdo manifesto do discurso do analisando. Nessas condições o limite externo-interno serviu de ocultação aos conflitos que se passam dentro. Esses reaparecem uma vez que, encontrando-se só, o analisando torna-se a vítima de angustias destrutivas, na ausência do objeto, exigindo a verificação de sua integridade e a prova de sua sobrevivência. Contrastando com o delírio de intrusão é então a vivência depressiva da perda que coloca o pensamento fora de funcionamento.

Tudo se passa como se o que aparece no curso de uma relação embaralhada, enevoadada – o embaralhamento dos pensamentos – incerta, fragmentada, as seqüências associativas sugerindo no espírito do analista imagens sem relação entre elas, visasse um objetivo paradoxal : de um lado se estabelece uma relação fusional onde parece estar entendido que o analista não terá necessidade de mediações necessárias à inteligibilidade para ter uma idéia do que é transmitido e, de outro lado, essa relação de aparência fusional é o meio encontrado pelo paciente para tornar seus pensamentos inacessíveis ao analista. É talvez nesse momento que é importante não compreender tudo o que é comunicado. Isso explica igualmente que esse processo de representações de um pensamento fora da linguagem possa se instalar dentro de um analista no caso inverso – aquele onde a sofisticação do pensamento gerador da confusão persegue o mesmo objetivo: ser entendido para além das contradições múltiplas do discurso e se pensar indecifrável, protegido pelo muro da linguagem e das performances que ele é capaz de realizar com relação a uma lógica incontornável.

A onipotência do pensamento não é aqui aquela da realização de um desejo, ela será mais do que isso da ordem de uma grandeza negativa: aquela de um pensamento que não possa jamais ser pensado por um outro. É porque a referência com a qual se deve abordar o problema não é aquela do desejo, mas aquela do objeto, do pensamento do objeto na medida em que ela não deve jamais absorver o pensamento do sujeito, pelo risco de aprisioná-lo. A idéia de continente, adiantada por Bion, permitiu, em um primeiro tempo, aumentar nossa compreensão – ainda falta completá-la pelo que a experiência lhe traz. Um continente pode não ser aceitável para o caso-limite a não ser com a condição de se adaptar perfeitamente aos conteúdos do paciente, como se fosse o seu próprio. Isto quer dizer como se a ilusão pudesse ser sustentada que o paciente encontre seu próprio continente no analista, esquecendo sua função de alteridade. O triunfo do paciente é então de sentir que ele conseguiu fazer do outro, um outro ele mesmo, dito de outra forma, que ele reverteu o perigo de intrusão do objeto, conseqüência de uma interpretação de uma parte dele para qualquer um que não seja ele, por uma intrusão –inconsciente- no outro, seus representantes ou suas produções, que ele conseguiu fazer ser idêntico a ele mesmo.

No entanto, o estado de separação não é mais tolerável que o de intrusão. O silêncio do analista que se quereria respeitoso da obsessão do paciente de assegurar sua separação e sua identidade próprias traz consigo a injunção familiar: diga alguma coisa! Diga que você pensa alguma coisa e que a separação não desencadeou a sua morte. Tudo parece acontecer no vai e vem de um pensamento que deve assegurar jamais perder sua ligação com o santuário inviolável, ao mesmo tempo que ele deve se dar a prova da existência do outro de maneira indefinidamente renovada em uma relação onde são postos em questão, sem cessar, sua proximidade e seu afastamento. A angustia é, sem dúvida, o que justifica essas oscilações que tomam o lugar do que seriam os investimentos verdadeiramente vivos e vivazes. Mas estes são ameaçadores para o narcisismo. A vida é perigosa, a morte é perigosa. A busca de um estado entre a vida e a morte é freqüentemente o que é procurado na experiência do pensamento. Quero dizer com isso que toda experiência de pensamento supõe uma colocação à distância do corpo e do objeto que colocam a vida em suspenso e dão a todo pensamento, por mais exaltante que ele seja, a impressão de que ele só se alcança por uma renúncia que é como um começo de uma morte. A situação analítica exaspera essa tarefa. É que o pensamento, em análise, exige às vezes a separação do corpo e sua constante reunificação com ele. Ora, o corpo não é jamais para esses pacientes, este presente-ausente que deveria ser. Ele é tanto excluído, quanto submerso sob forma de angustia. Esta angustia do corpo é confundida com o objeto. Ela é ressentida como se viesse do analista, de seu corpo-pensamento, que é preciso, seja aniquilar, seja sofrer em uma relação aniquiladora. A projeção é difícil de reconhecer para o paciente, porque todo esforço ao qual ele se dedica é de estabelecer seu limite como o outro. E esse limite não pode ser assegurado a não ser por esse colocar o objeto fora o que deixa pouca atividade psíquica disponível para reconhecer o sentido da manobra. Ora, é necessário ainda contar com o limite que separa o interno, cuja função de contrainvestimento é freqüentemente falha. Ela deixa então brotar, arrebentar, não mais, como se afirmou, os processos primários infiltrando os secundários, mas os processos que parecem os processos primários mas que diferem destes ainda que sejam corrompidos, isto é, eles buscam menos a satisfação de desejos eróticos que sua destruição, a destrutividade implicando tanto os conteúdos expressos quanto o pensamento que as exprime. Não se compreenderia nada desses pacientes se não se percebesse que se trata para eles de uma questão vital. Todas as suas realizações sociais e sublimatórias levaram à constituição desse DUPLO LIMITE que a análise recoloca em questão. A luta extenuante é retomada neste enquadre, ainda que a realidade parecesse fornecer provas suficientes de que esse esforço tivesse sido coroado de sucesso.

*

A leitura de “A negação” de Freud na perspectiva que nos ocupa é, sem dúvida, o guia mais esclarecedor para prosseguir nossa reflexão. As formulações já conhecidas sobre o pensamento são retomadas aí mas inseridas em um enquadre mais amplo. Uma prehistória do pensamento é desenhada, a ser tomada como um mito de origem.

É bem esse limite originário que Freud traçou de início com a operação inaugural do juízo de atribuição. A decisão que confere a qualidade boa ou má a um objeto é contemporânea de um movimento pelo qual se constituem um dentro e um fora, ainda que neste último caso, se tratasse mais de um movimento de excorporação – ejeção radical que divide o mundo em dois e constitui um Ego cindido daquilo que lhe é estrangeiro e mau. Mas, quando Freud retoma a questão ao nível do julgamento de existência que deve decidir com a ajuda do ego-realidade definitivo, proveniente do ego-prazer originário, se a divisão interior-exterior recorta aquela entre o subjetivo e o objetivo, é de novo o problema entre diferenciação entre

representação e percepção que é levantado. A concepção freudiana do pensamento se completa pela referência à representação: “A oposição entre o subjetivo e o objetivo não existe desde o início. Ela se estabelece somente pelo fato que o pensamento possui a capacidade de tornar de novo presente o que foi uma vez percebido, pela reprodução na representação, sem que o objeto tenha necessidade de estar ainda presente externamente. (1 – no pé de página, referência bibliográfica: “A negação” em resultados, idéias, problemas, vol II, P.U.F., 1987, pp.137-138.) O trabalho ativo do pensamento, sua palpação motriz com a ajuda de pequenas quantidades, tem por objetivo o reencontro do objeto, para se assegurar de sua realidade, autorizando enfim a descarga que põe em movimento os processos de satisfação. É ainda o pensamento do Projeto que habita esse texto que lhe é posterior de 30 anos.

Mas o que Freud omitiu dizer é que entre a constituição do limite originário e o colocar em funcionamento o pensamento se instaurou um segundo limite que separa o interno. Porque o ato que expulsou o mau para fora do corpo não resolveu nada. Será preciso dominar, controlar o retorno destas impressões primeiras sob forma de lembrança dessa experiência dolorosa, o que justificará a operação do recalque (refoulement). Mas com uma grande diferença: o recalque se realiza em nome do Ego. O limite originário não é senão a ação de um Ego-realidade do início que se limita a situar a fonte interna ou externa de excitação. Um tal ego é sempre tentado a tratar as fontes internas como se elas fossem externas e é por isto que ele faz a expulsão supostamente liberadora. Ele só pode nutrir a ilusão da eficácia de seu procedimento porque a mãe comparece com a satisfação esperada, mas o objeto-mãe é então confundido com o ego-prazer originário que constitui nesta ocasião e que é o berço de um Ego-Ideal onipotente. Entretanto, o trabalho psíquico se instaura segundo normas diferentes. A seleção das excitações se estabelece, então, segundo a modalidade agradável-desagradável ao Ego uma vez que o bom objeto não é mais confundido com o Ego. O prazer do ego não é mais ligado ao sentimento de autarquia nascido da fusão do Ego e do objeto suscetível de confirmar o movimento de expulsão pelo fato de a experiência de satisfação lhe ser consecutiva. De onde vem, (como acontece) que o objeto se constitua externamente, dito de outra forma, que ele seja perdido? Um empreendimento descritivo descreve o processo como gradual. Um empreitada metapsicológica só retém o fato acontecido de sua constituição exterior. É a constituição de um bom objeto interno que permite a constituição correlativa de um ego suficientemente investido pelas capacidades de ligação que permite pensar o objeto ausente fora dele. Um tal ego pode trabalhar sobre a realização alucinatória do desejo, porque ele substituiu a descontinuidade originária que obrigou o movimento expulsivo, por um sentimento de continuidade que autoriza a espera, a demora. Não é ainda um Ego-realidade definitivo, é apenas um ego capaz de formar representações de uma certa duração e de lidar com essas representações. A constituição de um préconsciente requer o estabelecimento desse limite interno que pode admitir certas representações do inconsciente, evitar outras e realizar movimentos de uma parte e de outra desse limite interno.

A hipótese que fiz é que entre esse jogo da representação e o nascimento de um pensamento propriamente dito deve se instituir uma *alucinação negativa* da representação do objeto (a mãe ou o seio) para que aconteça não mais uma representação mais ou menos realista, como sustenta Freud, mas uma representação das relações no seio de uma representação e entre diversas representações.¹

1 De onde a idéia, que Freud sempre defendeu, de um pensamento inconsciente que trabalha à distância dos restos perceptivos originários. Parece-me que o afastamento não é

suficiente para criar as condições desse trabalho, mas que é preciso postular o desaparecimento (apagamento, supressão) da representação.

Porque se a representação é uma condição pré-requisito para o pensamento, jamais o pensamento decorrerá em linha direta da representação. A descontinuidade primitiva que levou à exclusão do objeto mau não liberou a psique. Um buraco se constituiu nela, como uma praia vazia, um branco que, no melhor dos casos, se encontrará parcialmente preenchido pela experiência de satisfação, e o que resta disso devendo ser destinado ou atribuído (être affecté) ao trabalho do pensamento.

*

A psicose nos oferece a versão caricatural desse desinvestimento da realidade sempre ameaçador pelo vazio que ele acarreta no sujeito, a experiência de satisfação sendo substituída pelo delírio, que é uma tentativa desenfreada para dar um sentido à invasão anárquica do Id com a ajuda de laços que permanecem cativos das moções pulsionais. Sob a forma mais limitada de uma experiência pontual nos casos limite que é o “Homem dos Lobos” temos a alucinação do dedo cortado. 2

2 – A.Green, “A alucinação negativa”, em A evolução psiquiátrica, 1977, 42, 645-656. Eu sublinho nesse trabalho que a alucinação do dedo cortado do Homem dos Lobos, geradora de terror, comporta uma negatificação do sangue que deveria escorrer da ferida que só angustia pelo vazio que separa o dedo, retido por um simples fragmento de pele, da mão.

É desses fatos clínicos que nós podemos extrair o protótipo normal, onde a experiência de descontinuidade inaugural é representada pela alucinação negativa – representação da ausência de representação – a partir da qual vão se constituir pensamentos descontínuos a serem religados pelos laços não materiais. O fato de a linguagem, cujas unidades são descontínuas e exclusivas, segundo a observação de Freud, tomar a troca dessas operações, o fato de ela se tornar uma atividade de investimento privilegiado porque ela é capaz tanto de representação quanto de representação de relações, confere à consciência uma parte do pensamento.

Ora, a linguagem impõe suas restrições para que sua consistência possa ser assegurada. Em conseqüência, o lugar de pouso que ela toma do pensamento deixa de fora dela o que não pode entrar nas malhas de sua rede. É uma limitação da teoria só poder utilizar a linguagem para dar conta de um pensamento inconsciente que resta em sua maior parte incapaz de ser contido pelos processos linguísticos.

Na análise dos casos–limite, o branco do pensamento aparece. Não são os mesmos analisandos que dizem “tenho um branco” e aqueles que dizem “não penso em nada”. Esse branco que eles comunicam não é evocador do recalque. E, mesmo se, como no caso do recalque, é um pensamento de transferência que só pode se expressar negativamente, o que eles mostram ao analista é um pensamento sem conteúdo mas que eles devem comunicar, que não pode se contentar com o silêncio, mas deve ser transmitido como uma representação da ausência de representação. Esse branco foi necessário para o estabelecimento do pensamento. Mas, nas situações analíticas evocadas, é uma incapacidade de pensar que é representada, sempre ameaçante porque é essa incapacidade de pensar ou de representar que deixa o campo livre às pulsões, onde o corpo vai se aproveitar desta vacância do espírito para se arremessar no ego. O branco não pôde ser integrado à ligação dos pensamentos e das representações: dito de outra maneira, o

negativo não é mais a fonte de um trabalho, ele é um resultado, uma suspensão da atividade psíquica, uma morte do espírito.

O neurótico e mesmo, às vezes, o caso-limite se contentam com uma suspensão da palavra, acompanhada de um “não sei”. Para o psicótico, a resposta é obrigatória. No caso-limite, essa suspensão não é nem uma pausa, nem um suspiro, é uma solicitação urgente dirigida ao Ego ou ao analista para preencher o espaço psíquico ameaçado pelo vazio ou pela intrusão de uma pulsão mais do que por uma representação indesejável.

Diferentemente do obsessivo, para quem a dúvida é o inverso de uma compulsão que ultrapassa toda decisão do Ego e lhe dita seu pensamento e o ato que deverá realizar, o fóbico se limita a jamais proceder à síntese associativa. Tratar-se-á então de um distúrbio do pensamento? Seria possível acreditar, se não fosse que, diferente do obsessivo cujo pensamento é sexualizado, enquanto continente, no fóbico é o ato terminal da síntese que recolhe toda a excitação, equivalente então a um orgasmo.

Por que ele se furta, se não porque um tal orgasmo é sempre incestuoso e porque se encontra na fobia esse mesmo medo de ser engolfado pelo outro, limitado ao orgasmo somente? A repetição dessas experiências de frustração garante o fóbico contra essa possibilidade de satisfação onde ele teria o sentimento de engolfamento pelo outro onde a castração que toma aqui a forma de uma impossibilidade de recuperação de um pênis imaginário, só é o primeiro tempo. A fusão só é desejada quando ela não pode ter lugar, seja, então com um objeto edipiano totalmente investido enquanto tal, isto é, enquanto implica todos os fantasmas ligados ao coito de uma cena primitiva que deve ser uma cena de concepção. A síntese das associações toma esse valor de “concepção” e é o porquê ela não tem lugar. Aqui, não há branco do pensamento, mas uma suspensão sempre inacabada a completar pelas modalidades autoeróticas. Mas a suspensão é a herdeira desse branco.

Voltemos à “A negação” e a esse limite originário. Freud o liga à linguagem das mais antigas moções pulsionais, as pulsões orais. O que podemos hoje apreender do texto, essencial à compreensão da mutação kleiniana, é que esse limite não constitui verdadeiramente um fora, externo.

O que é expulsado é um abismo, o inverso de uma boca primitiva que, vomitando psiquicamente, se expulsa ela mesma e quereria tragar o sujeito de fora. É a raiva que é assim expulsa – ou qualquer coisa que não tenha esse nome tão diferenciado. A atividade de uma cavidade sem limite que quereria atrair a si toda a psique em uma aniquilação mortífera. Não é o psicótico que nos mostra melhor essa atividade porque ele está, por vezes, além – na inércia ou, ao contrário, no preenchimento desse vazio pela multiplicidade das significações do delírio mais ou menos profusos. Não, são os casos-limite sempre ameaçados pelo abismo, o buraco, o vazio sobre o qual é projetado o desejo de arrastá-los para os subterrâneos insondáveis que nos fazem sentir, quanto menos eles os representem para nós, os abismos onde se perde o pensamento.

Da ejeção primária que divide o mundo do sujeito em dois até a negação na linguagem, é sempre a mesma operação que se repete, o mesmo ato psíquico portador do mesmo sentido: expulsar para purificar, purificar para ligar. Ora, mesmo quando ela é justificada pelas piores angustias de aniquilação ou de morte, é sempre um fragmento de vida que é assim eliminado da psique. É portanto sempre um trabalho de morte que acontece – do negativismo dos grandes psicóticos `a negação necessária ao princípio de não-contradição. Este trabalho da morte é a salvaguarda da vida, mas é sempre de uma vida empobrecida e isto quanto mais a sucessão das operações se faz sempre mais para o interior. Mas cada operação efetuada para constituir este interior é seguida de uma dupla

ameaça: de uma parte, o exterior expulso tende a reganhar sua patria de origem; de outra parte, no interior assim constituído, uma nova divisão vai acontecer que vai tratar uma parte desse dentro como não agradável a banir desse interior, que ele tentará, sem cessar, reinvestir. Jamais o trabalho do negativo abandona o sujeito, apesar de seus exorcismos repetidos. Assim, quando as representações de palavras se liberam de suas ligações com as representações de coisa, a linguagem retoma em seu seio o ato do recalque, pelo uso da negação.

Pode-se achar paradoxal atribuir `a morte aquilo que é necessário `a sobrevivência, `a vida, mas isso é colocar mal a questão porque o que é preciso compreender é que os processos de vida só são viáveis pela integração das forças de morte. Domesticar a morte é constrange-la, obrigá-la a se ligar `a vida. O recalque repete o ato de ejeção radical `a psique, com a diferença de que ele vai constituir um recalcado que vai atrair a si o que foi rejeitado por uma operação de aparência similar `a ejeção primitiva: a atração no recalcado preexistente. A alucinação negativa vai romper a ligação com a representação de coisa, mas a descontinuidade que cria na psique será posta `a serviço das ligações da linguagem. A negação consegue a liberação do recalque mas ela é uma maneira de reconhecer o que ela nega. No final das contas, contra a ligação pura e simples invocada por Freud em uma série de operações contínuas da pulsão ao pensamento, o trabalho do negativo permite reconhecer a importância de uma função que escapou a Freud. Porque, da mesma forma que o princípio da realidade não visa a encontrar o objeto mas a reencontrá-lo, podemos dizer que o pensamento não consiste em ligar os processos mas em religá-los, depois que um desaparecimento (apagamento) os desuniu, separou.

*

Onde, portanto, situar em uma perspectiva psicanalítica moderna o trabalho do pensamento? Se não quisermos adotar uma posição teórica que faça o pensamento parecer o pensamento operatório dos que trabalham a psicossomática – estes que evocam irresistivelmente as formulações de Freud – é necessário, em um modelo metapsicológico, colocá-lo em uma encruzilhada: entre o externo e o interno, de um lado, e entre as duas partes separadas que dividem o interno (limite dos sistemas Cs-Pcs e Incs). É assim que poderiam ser reunificados os dois grandes setores da psicopatologia: psicose e neurose com todo o espaço para as estruturas não neuróticas, não psicóticas. Para isso, é necessário tratar o limite como um conceito (artigo neste mesmo volume).

Se se constrói muito esquematicamente um tal modelo por uma divisão vertical – limite do interno e do externo – e que no seio do interno se faça uma divisão por um limite horizontal figurando a separação entre Cs-Pcs e Incs, os procesos de pensamento serão localizados na intersecção dessas duas linhas. Reencontro aqui minha hipótese dos processos terciários cuja função é instituir um vai e vem entre processos secundários e primários. Mas a essa função já descrita, eu acrescento a comunicação entre o interno e o externo. 1

1 – É para ser observado que Freud não fez jamais a articulação entre suas idéias sobre os processos de pensamento inconsciente e o que ele teoriza sob o nome de pensamento (restrição `a descarga, ação experimental de sondagem com ajuda de pequenas quantidades etc.)

Uma teoria psicanalítica moderna não pode se contentar mais em atribuir ao pensamento uma tarefa exploratória do mundo exterior somente, já que a condição de

validade de uma tal exploração é atualmente posta em relação com seu preliminar: o trabalho psíquico interno que visa a constituição do sistema de representações inconscientes e sua comunicação, por intermédio do préconsciente com o consciente.

O que nos autoriza avançar uma tal hipótese? Certamente, a experiência adquirida com os casos-limite sobre a relação com o objeto analítico transferencial nos permite reconhecer a impossibilidade de dissociar – como com a neurose – o trabalho intrapsíquico e o trabalho intersubjetivo dominado por uma preocupação constante dos limites e da distância ótima. Mas é ainda uma visão um pouco objetivista, como se o analisando pudesse se pensar em si mesmo, fora do trabalho que faz o analista. A fonte principal dessas reflexões é o trabalho do analista, que é sempre um trabalho de pensamento. Na verdade, a descrição do trabalho de Freud sobre o pensamento poderia ser reabilitada, se nós o aplicássemos ao trabalho do analista. É por sua análise pessoal que ele se tornaria capaz – salvo situações críticas - dessa redução quantitativa, da possibilidade de adiar a descarga (interpretativa), de sondar periodicamente o material voltando a ele, de se fornecer uma representação dos processos psíquicos em trabalho dentro do paciente e de religar, pela linguagem, o trabalho da representação. A alucinação negativa não está ausente deste trabalho; ela corresponde a todos os momentos onde o analista não compreende nada do material, não pode nem representá-lo nem descobrir suas ligações. E é porque Bion retoma de Freud – como Lacan convida a desconfiar de uma compreensão muito rápida – a necessidade de se cegar para deixar surgir a interpretação “impensável”. Ela está também em obra na descontinuidade dos pensamentos que procedeu ao dismantelamento da linearidade do discurso.

O analista sabe, então, que pensar é doloroso para o analisando porque ele pode ter uma medida de si mesmo pelo considerável esforço de pensar que necessita seu trabalho. E isso não concerne apenas `as realizações mais acabadas do pensamento, aquelas que ele coloca em ação quando da realização de um trabalho que presta conta de sua experiência, mas, ao contrário, designa as formas principiantes e embrionárias de um pensamento que não chega a se dizer.

O sentimento de fracasso que dão as elaborações teóricas sofisticadas em Bion – que teve consciência disso - ou em Lacan que não encontrou saída senão numa fuga para adiante é provavelmente devido ao fato que somos ainda incapazes de conceber as elaborações de um “protopensamento” que perdura em um aparelho psíquico que pareceu se desviar dele para prosseguir sua evolução e se mostrar apto a performances de alto nível.

Freud, no fim de seu trabalho sobre “O homem dos lobos” pressentiu o problema em toda a sua complexidade. Porque temos o hábito de teorizar o pensamento como um trabalho que extrai de um dado o que ele possui em germe, como se se tratasse apenas de extrair a implicação que ele traz secretamente. Discutindo o efeito da cena primitiva em seu paciente, Freud escreve: “Não se pode a não ser com pena afastar a idéia de que um tipo de saber difícil de definir, alguma coisa como um préconhecimento, agia, nesse caso, na criança. Não podemos, absolutamente, fazer idéia de em que pode consistir um tal “saber”, nós não dispomos senão de uma analogia, o saber instintivo tão desenvolvido nos animais.” (Cinco psicanálises) O patrimônio instintivo, acrescenta ele, “tem a força de atrair a si os processos psíquicos mais elevados”.

As formas iniciais do pensamento não acontecem somente entre a projeção e a elaboração analítica, elas são antecipatórias, é em que as produções psicóticas das crianças, como as construções delirantes dos adultos, antecipam, `as vezes, as intuições do pensamento que temos dificuldade em desenvolver até o fim na construção teórica. É assim que Freud deve se justificar de ter encontrado no delírio de Schreber uma visão metaforizada de sua própria teoria.

É a persistência inalterável desse protopensamento que nos obriga constantemente a repetir este trabalho do negativo pelo duplo limite para não nos deixarmos invadir por ele, para deixar instituir com o outro e conosco mesmo as relações aceitáveis sacrificando uma parte muito exuberante dessa vida em excesso.

LA FOLIE PRIVÉE
Psychanalyse des cas-limites
André Green
Éditions Gallimard, 1990

Tradução com finalidade de estudo
Rosa Albé

O trabalho do negativo

(1986)

Há muitos anos propus designar o conjunto de operações psíquicas das quais o recalque é o protótipo e que, posteriormente, deu nascimento às variantes distintas tais como a negação, a recusa (désaveu/ verleugnung) e a forclusão, sob a denominação de trabalho do negativo. Essa expressão emprestada à filosofia não deve mais nada a suas origens hegelianas. Ela foi retomada por numerosos analistas. Seria necessário ligar o trabalho do negativo somente ao ego e a seus mecanismos de defesa? Isso poderia ser pensado de início. Sustentarei, ao contrário, que o trabalho do negativo se estende ao conjunto das instâncias do aparelho psíquico e que a análise nos leva a distinguir o não do ego, o não do superego e o não do id. Considerarei igualmente as incidências da resposta do objeto sobre a constituição das relações sim-não.

Em seu artigo sobre o “Recalque”, em 1915, Freud, considerando duas eventualidades sobre o destino da representação, seu desaparecimento do consciente quando ela era consciente ou sua manutenção afastada quando ela estava no ponto de tornar-se consciente, escreve: “a diferença não tem importância: ela consiste, mais ou menos, em saber se eu reenvio um hóspede indesejável de minha sala ou de meu quarto, ou bem se tendo-o reconhecido eu não o deixo entrar em minha casa.” Ele completa: “Essa comparação aplicável ao processo de recalque pode também se estendida a uma característica já mencionada do recalque. Será suficiente acrescentar que eu devo colocar um guardião na porta que está interdita ao hóspede: caso contrário aquele que foi afastado a arrombará”.

A comparação é reveladora. Ela comporta muitos registros. Ao lado dos aspectos que nos são familiares: dinâmicos, tópicos e econômicos (alusão ao trauma da porta arrombada) ela surpreende sobretudo por seu aspecto antropomórfico : a representação é figurada pelo hóspede indesejável – e o recalque ilustra bem a idéia do pequeno homem que está ou existe no homem -, submetido a outros desdobramentos (maître dos lugares, espaços e guardião), dotado de um poder de reconhecimento a partir de marcadores (desejável- não desejável) aplicando a eles a lógica do sim ou do não segundo a aceitação ou a recusa, e portanto triando, selecionando, orientando como um verdadeiro demônio de Maxwell que

dirige as partículas. Além disso, a triagem, a discriminação, a distribuição são inconscientes. Aquele que determina o acesso do inconsciente à consciência é ele mesmo inconsciente. Um tal antropomorfismo não deve nada ao modelo sobre o qual se edifica o recalque?

Na análise, o que operou como recalque encontra-se sob a forma de resistência. A regra fundamental de não filtragem e de não seletividade é transgredida conscientemente e inconscientemente. Ela implica o levantamento da censura moral e racional. Entretanto a prática analítica contemporânea permite atribuir à resistência significações diferentes:

— A resistência pode testemunhar um medo de ser julgado, condenado, punido. Isso vai da ameaça de perda do amor à angustia de uma mutilação.

— A resistência se opõe ao perigo de uma desorganização, por perda do controle sobre o dizer e pelo dizer que faz nascer um medo da loucura.

— A resistência permite adivinhar um medo de aniquilação consecutiva a um ímpeto, desencadeamento pulsional não ligado, com predominância destrutiva.

Esses três exemplos, entre outros, podem ser interpretados como expressão de uma atividade defensiva do ego. Entretanto, há um meio de compreendê-los de outra maneira, como a expressão de um **não** oposto pelo superego, pelo ego e mesmo pelo id. Esse último ponto merece discussão, o desencadeamento pulsional se opondo à formulação de um desejo para com o objeto reduzido aqui a seu estado mais indiferenciado.

Mas, as razões do recalque e da resistência aparecem muito claramente. Elas perseguem três objetivos:

— dominar a violência pulsional.

— organizar o ego pelo estabelecimento de ligações, o que pressupõe investimentos dotados de uma certa constância, submetidos a variações de fraca amplitude.

— assegurar-se do amor do objeto e secundariamente do amor do superego.

O recalque é, portanto, inevitável, necessário e indispensável para a estruturação do desejo humano. Todavia, não existe nenhum critério para determinar precisamente o que deve ser recalcado e o que deve ser poupado pelo recalque. Dessa maneira, recalcamos sempre muito ou muito pouco. Como resistimos muito bem ou muito mal. O obstáculo das resistências encontradas na análise e a tentação do analista de vencê-las, fazia correr o perigo de um retorno à hipnose. Dizer a um paciente: “você resiste!” mesmo sob formas muito sutis não está muito longe da fórmula “você se contrasugestiona” saído da boca de um hipnotizador. Da mesma maneira, não há, talvez, fórmula mais traumática para um paciente apresentando uma reação terapêutica negativa do que descarregar nele, “você não quer mudar”, enquanto ele tem o sentimento de não poder fazer diferente. Para evitar esse tipo de impasses, Freud recorre a uma armadilha diante de uma resistência. Se a prática é discutível, ao menos pode-se tirar daí certos ensinamentos. Ele a expõe em “A negação”. “O que é que você consideraria a coisa mais inimaginável nessa situação? O que é que você pensa que estaria mais longe de seu espírito nesse momento? Se o paciente cai na armadilha e diz o que ele pensa que é o mais inacreditável, ele dará a resposta esperada quase sempre.”

De fato, Freud diz a seu paciente: “Já que seu **não** se opõe a um **sim** próximo que você não pode admitir em sua consciência, diga-me antes disso, o **não** mais afastado desse **sim** próximo, mas inacessível.” E conclui pela resposta que este **não** mais afastado é o **sim** próximo que não se pode dizer.

Esse exemplo coloca em jogo as categorias em duplas de oposição, algumas explícitas – imagináveis/inimagináveis, que se pode acreditar/que não se pode acreditar, próximo/longínquo – outras implícitas – agradável (no sentido do que se pode admitir, aceitar)/ desagradável, presente/passado (na medida onde se trata de obter um pedaço de material inconsciente recalcado) e sem dúvida também, bem e mal, o reconhecimento

podendo ser barrado por uma desaprovação moral. Assim a oposição sim-não depende de um conjunto de fatores distribuídos sobre o aparelho psíquico inteiro, da superfície às profundezas, como do mais antigo ao mais recente.

“Um julgamento negativo é um substituto intelectual do recalque”, diz Freud. Este substituto intelectual que se liga ao desejo é o produto de uma simbolização pela linguagem e de uma economia realizando uma poupança em energia. O **não** aparece como um nível do recalque. Mas deste lado da linguagem e do recalque ele mesmo, “expressas na língua das mais antigas moções pulsionais”(orais), o julgamento é “gostaria de comer isso” ou “gostaria de cuspi-lo”. Há, portanto, uma tradução de uma língua do ego: aquele que fala, a uma “língua” do id: aquele que engole ou cospe. Há, portanto, um **não** do id que se exprime através da moção pulsional. O recalque é um mecanismo psicológico. Freud não deixa jamais de lembrar – enquanto que aquilo que é descrito ao nível das moções pulsionais do id não o é – ao menos a seus olhos. A questão que se coloca então é a da relação entre o mecanismo psicológico que se liga à palavra e aquele que está em relação com um outro uso da boca através das moções pulsionais orais. Dito de outra maneira, o que se “diz” :”gostaria de comer ou gostaria de cuspir” é da ordem do id ou de um ego primitivo arcaico? Se nós seguimos Freud, na medida em que o ego se diferencia a partir do id, o ego primitivo arcaico e o id são apenas discerníveis.

Gostaria de me demorar um pouco sobre o destino dessas moções pulsionais. Comer e cuspir colocam em jogo de um lado a incorporação (do objeto) e de outra parte o que chamei de excorporação, mecanismo preliminar à identificação projetiva, a meu ver. Eu cuspo ou vomito. Freud emprega um verbo traduzido por ejectar. Ele é geralmente compreendido como uma ação que sai do interior para colocar no exterior o que nos reenvia ao limite dentro-fora. O postulado desse limite originário se apóia sobre a existência de um ego realidade de início que seria capaz de detectar a origem interna ou externa das excitações. Essa hipótese me parece muito custosa.

A excorporação na qual eu vejo o protótipo de um não do id sob as figuras do “eu cuspo” ou “eu vomito”, não supõe nenhum objeto no espaço que recolhe o que é expulso. Podemos mesmo perguntar se os produtos da expulsão não desaparecem assim. Em todo caso, a identificação do espaço me parece preliminar a aquela dos objetos que ele poderia conter. (Penso no sentimento de hostilidade do ambiente em certos delírios antes da designação de um perseguidor.) Além disso, não creio que seja sustentável inferir um limite entre dentro e fora. Só existiria a idéia – se é possível exprimir-se assim – de uma expulsão o mais longe possível. Não é legítimo falar de um não-ego nesse estagio porque o limite ego-não ego não está estabelecido. O que permite estabelecer-lo são as conseqüências da expulsão. A expulsão do mau permite a criação de um espaço interno onde o ego como organização pode então nascer para a instauração de uma ordem fundada sobre o estabelecimento das ligações em relação com as experiências de satisfação. Essa organização facilita o reconhecimento do objeto em estado separado no espaço do não ego e seu reencontro.

Mas mesmo uma vez realizados esse reconhecimento e essa separação, o ego é obrigado a retomar periodicamente por sua conta o trabalho do negativo que se originava, no início, apenas pelas moções pulsionais. Para poder dizer sim a si-mesmo é necessário dizer não ao objeto. Todo esse trabalho não pode ser perseguido senão a partir de duas condições, ao menos:

--que o objeto continue a se ocupar do ego da criança descarregando-o do excessivamente desagradável;

-- que o objeto se substitua ao espaço indiferenciado para recolher o que foi designado como excorporação e que agora merece o nome de projeção, consentindo em ser vivido

como mau procedendo à transformação de suas projeções e a sua restituição à criança. (A mãe não acredita na maldade do bebê mais que na sua).

É essencial para que se construa o ego do bebê que lhe seja permitido dizer sim a si mesmo, que a mãe aceite que ele possa lhe dizer não. Não somente sob a forma “Você é má”, mas também às vezes “Você não existe”.

Isso não se manifesta na análise somente pelas projeções hostis sobre o analista, mas também sobre a mãe, à distância – ao longe – e no extremo pela exclusão da transferência. A excorporação é uma ilusão, porque como a psique poderia se desembaraçar no exterior do que é para ela um estorvo? Para que ela possa ser sustentada é necessária a assistência de um objeto. Até agora, nós só tomamos em consideração os dados espaciais. Os dados temporais não têm um papel menos importante, como mostrou Winnicott. Se a resposta é imediata, sem demora, é a onipotência simbiótica que se instala, privando o ego da criança de dizer não ao objeto e, portanto, a ele mesmo. A idealização do objeto maternal vai paralela com o esmagamento do desejo próprio do sujeito. Por outro lado, quando a demora é muito grande, é o desespero com a inscrição de uma experiência da dor que faz dizer não a tudo (inclusive a si mesmo). Há destruição das ligações, intolerância acrescida à frustração e uma identificação projetiva excessiva. O trabalho do negativo toma a forma de uma exclusão radical e o aspecto negativo das relações (Winnicott) torna-se preponderante. Essa exclusão afeta, provavelmente, até à pulsão, ao lado da Verwerfung freudiana ou da forclusão lacaniana.

É só quando a resposta do objeto se produz dentro de um tempo, prazo suficiente e tolerável e sob uma forma assimilável (capacidade de rêverie da mãe, Bion) que o ego pode se dizer “isso não é isso, mas ça peut y aller” (dá para levar). E é desse ponto que pode partir o recalque. O recalque se efetua portanto sobre o modelo das aceitações e das recusas do objeto. Compreendemos melhor então a comparação antropomórfica de Freud citada no início dessas reflexões. O pequeno homem que está no homem é de fato uma pequena mãe. O que é agradável ou desagradável para o ego se apóia sobre o que é aceito (agrée) ou não aceito pelo objeto. A relação com o objeto foi internalizada, o sim e o não foram introjetados. O recalque originário estabelece o limite entre o Cs-Pcs de um lado e o lcs de outra parte. Essas observações teóricas são resultado da experiência clínica e da técnica analítica. Porque é através desta última que o analista aprende a modular o tempo de suas intervenções e a apresenta-las sob uma forma recebível pelo paciente. Distância do objeto e avaliação da demora tolerável vão juntos. Entre os dois extremos do recalque bem constituído e da rejeição (forclusão ou Verwerfung), o trabalho do negativo pode tomar vias medianas como as da clivagem ou da recusa (désaveu) onde coexistem o reconhecimento e le déni, o sim e o não.

A coexistência do sim e do não não é suficiente para caracterizar o trabalho do negativo no désaveu. Porque uma tal coexistência pode ser conjuntiva ou disjuntiva. Conjuntiva, ela se efetua sob o primado de Eros. É assim com o objeto transicional que é e não é o seio ou a mãe; o julgamento de existência não se aplica a ele, ele não tem que decidir se ele foi criado como objeto subjetivo, ou encontrado, como objeto objetivamente percebido. Observemos à propósito da espacialidade que ela se situa na interseção do espaço interno e do espaço externo na área intermediária. O investimento intenso que ela recebe testemunha que essa coexistência é essencialmente positiva. Quando a coexistência é disjuntiva, o trabalho do negativo se realiza sob os auspícios das pulsões de destruição. É então o caso da clivagem e do désaveu, que alguns sustentaram que era difícil de distinguir da forclusão. A diferença com o caso precedente é que em vez de promover uma reunião, o trabalho do negativo separa, impede toda escolha e todo investimento positivo. Aqui, não é sim e não mas nem

sim nem não. Para citar um caso bem comum, o do Homem dos lobos (que “não quer saber nada” da castração, suas análises anteriores a aquelas que ele fez com Freud o mostram, à despeito de suas performances sexuais), no esquartejamento de seu pensamento, “ele tinha, ao menos, sempre, duas opiniões sobre o mesmo tema” dizia um dos seus terapeutas. Nada que seja atribuível a uma dúvida obsessiva nesse caso, mas antes uma incapacidade de decidir se uma coisa é boa ou má (a análise, por exemplo) ou ainda, nas suas escolhas identificatórias e seus sintomas, se ele é homem ou mulher. Mas nesse caso, o ego paralisado pela ambivalência em sua relação com a realidade psíquica e com a realidade material não admite a coexistência a não ser com a condição de responder a ela com um nem sim nem não. Essa resposta se enraíza na vida pulsional. O que se exprime ao nível do ego não é mais do que seu reflexo, (que eu chamei de bi-lógica). Sem dúvida, a resposta de seus objetos não fizeram mais que agravar a situação. Elas não foram marcadas nem pela capacidade de acolher suas projeções destrutivas, reenviando-as sob uma forma aceitável, nem pela decisão de lhes opor, em um outro nível, um “não” estruturante. Preferiu-se desempenhar o papel de uma prótese sustentando a recusa(désaveu) da castração, até a sua morte. Ao menos, até onde nós sabemos. Entretanto, o exemplo do Homem dos lobos não é o único. Os analisandos que apresentam uma reação terapêutica negativa nos revelam, através de sua transferência, o afastamento entre o sim e o não como um trabalho do negativo viciado. O que eles nos mostram de fato é que a recusa de optar, a recusa de acreditar, a recusa de investir não é outra coisa que a recusa de viver.

André Green

Le travail du négatif - Les Éditions de Minuit - 1993

1º. anexo

tradução livre para estudo

Rosa Albé

TRABALHOS

Bulimia e a Contemporaneidade

SHEIVA C.N. ROCHA*

A-HISTÓRICO

Não podemos pensar a plasticidade dos sintomas e seus significados sem referência a época da qual estamos falando. As mudanças da ciência estão intimamente ligadas às mudanças sociais.. O que hoje é óbvio, nem sempre o foi. Até o final do século dezessete, se acreditava na existência de um só sexo, o masculino (3). O feminino era o negativo do masculino. A diferença da constituição biológica justificava a diferença social, Como manter essa "hierarquia" a partir de 1789 com a Revolução Francesa e seu lema "Liberdade, Igualdade, e Fraternidade"?

Também é a partir do século dezessete, com os novos estudos anatômicos sobre a diferença sexual, que a histeria, ainda denominada uma doença feminina, deixa de ser ligada ao útero para ser uma doença do sistema nervoso..

Só em 1895, Freud em seu estudo sobre a histeria, tem a originalidade de retirar a histeria do campo do sistema nervoso e lançá-la para o campo psíquico, agora gerido pela sexualidade. Num tempo cuja norma era o silêncio, Freud criou um espaço e uma escuta para que a histérica pudesse falar de seu sexo.

Mas foi no século XX, com a Revolução Feminina e com a invenção da pílula anticoncepcional que a mulher consegue começar a se libertar do que seria seu destino único – a maternidade. A mulher começa trilhar um caminho de prazer.

Em relação ao sexo masculino, a invenção da pílula da ereção, libertou o homem do fantasma da impotência sexual. Uma revolução talvez não tão grandiosa como a feminina. Mas que também transforma a relação homem-mulher.

Vivemos uma época que muitos chamam de pós-modernidade, época de transformações aceleradas, distante do psiquismo humano que é lento na elaboração das suas questões e de seus conflitos.

Essas mudanças culturais deslocaram o eixo da ordem repressiva do tempo de Freud, para a do consumo e da transgressão dos nossos dias.

O relaxamento na repressão imposta pelos costumes, leva a um apagamento das diferenças entre homem e mulher.

O sintoma é relativo á sua época. A Histeria é fruto da repressão sexual. A bulimia fala do gozo do consumo.

B- PÓS-MODERNIDADE

As práticas sexuais cada vez mais precoces exigem dos adolescentes atitudes para as quais não estão ainda preparados. Essa pré-maturação entra em conflito com o lugar dado ao amor e a sexualidade genital levando-os a uma banalização e conseqüente, decepção com as práticas sexuais. Tudo pode ser descartável.

A era do consumo capitalista leva a um esquecimento temporário da dor, da falta e do sofrimento. A ciência e a tecnologia levam a recusa da subjetividade

È a cultura do espetáculo, da exaltação do hedonismo, do status, do narcisismo. Época da força da imagem. O fast-food cultural no qual vivemos, com as informações nos alcançando instantaneamente, não nos dá possibilidade de assimilação, nem de pensamento.

Não havendo elaboração psíquica, o sintoma se manifesta no corpo e não nas vias da imaginação. A pessoa não tem tempo para imaginar, devanear, fantasiar. Talvez a nossa cultura atual, nem busque mais esse tipo de atividade. Espera-se um agir. A medicação entra como uma resposta rápida e direta, produzindo um alívio imediato. Não importa se desaparece a singularidade. Busca-se o novo pelo novo, como se o novo fosse sempre melhor e realmente novo. Há uma dificuldade de se estabelecer vínculos afetivos e de se construir história numa sociedade que exalta a fluidez e a substituição das relações.

Atualmente, há um enfraquecimento das proibições, das diferenças entre os sexos e entre gerações, que tem por efeito tornar os limites mais fluidos e aumentar as relações de similaridade e os efeitos de espelho. (8). O desconforto resulta na constatação de que a aproximação entre estes campos produz mais intolerância do que diálogo. Muito mais rivalidade do que desejo. O narcisismo tolera mal a convivência com o diferente (9). .

Na cultura pós-moderna em que os valores de profundidade e interioridade vem perdendo espaço tendendo a ser substituídos por valores referidos a superfície e exterioridade, o consumo exacerbado que não respeita limites, direitos e nem regulamentação, levam os sujeitos a uma retração narcísica secundária. A pressão cultural para emagrecer, a preocupação excessiva com o corpo atraente compromete a percepção da auto imagem. Vivendo entre o real e o ficcional, o corpo magro virou símbolo de poder e autocontrole (7). Nos dias atuais a anorexia é um sintoma culturalmente sintônico, adaptado ao ideal estético.

Dessa forma, nas últimas décadas a clínica psicanalítica tem se estendido a tipos de sofrimento diferentes aos da clínica clássica. Nos impondo à pensar inclusive nas forças invisíveis e coercitivas por trás da produção do imaginário (5).

C-BULIMIA Entende-se por Bulimia a ingestão alimentar desenfreada, sem limite, paroxística e desordenada.

O movimento típico é o chamado “ataque á geladeira”, em que o consumo de alimentos é indiscriminado. Não importa se o alimento que se come é quente ou frio, doce ou salgado, cru ou cozido. É um movimento compulsivo e selvagem, ou seja, não segue as normas da civilização. Um verdadeiro festim maníaco. Esse aspecto instintivo, ou melhor, dizendo pulsional, não procura o prazer, a satisfação do apetite, mas sim, o preenchimento de um vazio, que nem enorme quantidade de alimento consegue realizar.

A Bulimia é a passagem ao ato em que no final ao invés do prazer sobrevém a vergonha. Essa passagem ao ato, se constitui um recurso quase exclusivo para resolução de conflitos intrapsíquicos Frente a angústia , atua-se. Revela por sua repetição um tipo de recusa de alcançar o sentido, sendo resultado de uma operação defensiva que localiza e condensa os conflitos intrapsíquicos e os dirige para a descarga, não para a elaboração O fracasso na elaboração de sintomas por simbolização ou pela formação de compromisso, revela a fragilidade dos contra investimentos e do recalçamento secundário. O afeto predomina sobre as representações levando-as ao desaparecimento. Desaparecem em graus diversos as imagens tanto positivas quanto negativas que são as produtoras do apetite e da aversão.

Em 1908, Freud constata que a relação da fantasia com o sintoma é complexa e múltipla, mais complexa ainda é a relação da fantasia com o ato. Assim, é difícil atribuir unicamente ao conteúdo significativo a passagem de um trabalho de deslocamento de representações à uma conduta de ação.

No Projeto (1895), Freud diz que na neurose de angústia há uma ausência ou insuficiência de descarga da tensão, enquanto na neurastenia a descarga é inadequada. Essa descarga inadequada empobrece a atividade psíquica, privando-a da energia de origem somática que não está ligada às representações. Haveria um quantum de angústia livremente flutuante que estaria sempre pronto a se ligar a qualquer conteúdo representativo. Um excesso de angústia rudimentar. Prevalece a quantidade sobre a qualidade em virtude de estar esta impedida pelas defesas. Não há recalque, mas recusa, como nas perversões. Diferentemente dos psicopatas que também tem na atuação o seu modo principal de lidar com os conflitos intrapsíquicos, o bulímico não ataca o social, mas sim o próprio corpo. Na verdade, como diz Winnicott (11) é um retraimento anti-social que busca refazer um ambiente emocional primário e já perdido.

Freud como bom evolucionista sugere que haveria um momento primeiro em que a organização oral engloba tanto a ingestão de alimentos como uma atividade sexual. Entretanto cedo, o desejo se separa da necessidade. O objetivo sexual aí reside na incorporação do objeto, protótipo do que acontecerá mais tarde como identificação.

O bulímico ao comer desbragadamente, busca esse estágio inicial da fusão do alimento com a satisfação sexual. Algo já perdido, mas que na sua ânsia de encontrar esse objeto mesmo assim, come, como se diz, “como um animal”.

O sono e o vômito além das significações psicológicas, evita a obesidade e dispensa o aparelho digestivo do seu trabalho. Recria, entretanto a necessidade e o retorno ao ato de se alimentar. Essa periodicidade, essa compulsão a repetição produz o sentimento de estar entregue a forças superiores, que o sujeita, mas tende a livrá-lo de si mesmo. Muitas vezes a bulimia é acompanhada ou seguida de toxicomanias medicamentosas, alcoolismo e práticas delinqüentes. Nem todas as bulimias estão associadas a vômitos. Quando ele está presente o prognóstico é pior.

O aumento da freqüência dos casos de bulimia e a sua predominância nas mulheres jovens no fim da adolescência que pertencem à extratos sociais mais elevados leva, a se pensar em aspectos culturais atuais

. Hoje em dia, frente à um caso de bulimia tende-se a valorizar, cada vez mais os vínculos familiares. Famílias com confusão de limites geracionais, ou mães que não puderam assegurar a modulação da ilusão primitiva, mães ansiosas demais ou ausentes.

A dificuldade de se constituir um ideal de eu e um projeto identificatório ligado a realidade, favorece a persistência de formações super egoicas mais restritivas frente as quais a crise bulímica é uma escapatória. O sentimento de liberdade é seguido pelo de sujeição, de escravidão, empobrecendo a vida afetiva e imaginária.

.A instalação da crise bulímica na puberdade atualiza o complexo de Édipo e as fixações pré-genitais impondo novos arranjos pulsionais defensivos. Ora, isso coloca em questão novamente os resultados da relação de apoio também chamada relação anaclítica e o recalqueamento que asseguram a autonomia relativa do ato alimentar em relação a sexualidade.

Em termos de desenvolvimento libidinal a emergência de um registro sexual arcaico mostra a regressão e a fixação pulsional no nível pré- genital da neurose, tendo como conseqüência as diversas dimensões da oralidade aticadas, por exemplo, a avidez, a impaciência, a urgência de satisfação, a perda diferenciação na fusão com o objeto e sua destruição através da apropriação. A analidade se manifesta através da fecalização dos alimentos, na falta de higiene, no fascínio pela sujeira, na aversão e na vergonha, assim como nos vômitos. Até o próprio corpo é visto como lixeira. Na adolescência as contradições entre os conflitos arcaicos e atuação da sexualidade genital, comprometem a integração psíquica.

Há uma alternância entre avidez e repulsa pelos alimentos, uma oscilação entre tudo ou nada. Como há uma fragmentação dos limites do self, torna-se difícil gerir as distâncias relacionais.

Diferentemente das outras adições, há uma grande produção de fantasias. Existe, portanto a capacidade de representação, mas com características particulares. Além de sua crueza, apresenta uma significação muito clara com os conteúdos latentes e manifestos se tornado um só. As fantasias vêm em borbotões, não derivadas de uma livre associação, mas como uma compulsão representativa que funciona como defesa ao perigo. Para alguns autores, como Bergeret(8) não existe uma estrutura específica para o comportamento de adição, a adição seria uma tentativa de defesa contra as deficiências ou falhas de estruturas psíquicas profundas.

Há uma apetência objetal, como conseqüência temos um investimento maciço, e por isso mesmo intenso e frágil. É a eterna busca de um objeto a ser consumido ou sobre o qual se apoiar (anacliticamente). Não havendo elaboração, a menor rejeição ou até a percepção de uma possível rejeição leva a uma fuga, a um retraimento narcísico ou mesmo à indiferença.

A fragilidade narcísica da bulímica encontra-se tanto nas características de sua forma de se relacionar, quanto no olhar que lançam sobre si mesma e em sua relação com sua própria imagem. Essa intensidade de investimento não se deve somente aos parâmetros pulsionais e libidinais é resultado também das internalizações insuficientes e da fragilidade dos processos de diferenciação permanência da bissexualidade, má diferenciação do super ego e do ideal do eu que continuam impregnados de elementos arcaicos A auto estima está grandemente apoiada em objetos externos, resultando em um ataque ao seu interior, gerando uma sensação de vazio, de insignificância.

Tudo isso reflete a dificuldade de suas relações parentais. A aparente proximidade com o pai não é mais que um afastamento da mãe. Não uma relação autônoma, diferenciada com o pai, como terceiro estruturante. Essa negação do pai, leva a uma relação sedutora com outros membros masculinos da família. A relação com a mãe é marcada por decepções precoces que por sua intensidade, fogem a elaboração tornando-se traumáticas e levando a procurar objetos externos de investimento.

D-UM BREVE RELATO

Uma moça de 25 anos, me procura com a seguinte queixa:

Sente-se gorda e feia, mas, não consegue parar de comer. Ao mesmo tempo está confusa, deprimida, imobilizada e instável. Não consegue levar nada adiante: faculdade trabalho cursos diversos, tratamentos, etc.

Inteligente tenta manter um dialogo agradável falando do seu inferno cotidiano de conter o impulso de comer. Ela relata –“ Como até não ter mais nada na dispensa. Durmo e quando acordo, estou envergonhada. Não consegui me conter de novo.”

A comida invade sua vida. Quando toma remédio para emagrecer, sente-se bonita e ativa, mas também viciada. Ou está viciada ou desligada. Fala do pavor de viver isso comigo, Ela tenta com o remédio controlar, o que come, e o quanto dorme. Vive o drama do remédio ser o próprio veneno.A noite, bebe e se droga até ser levada para a casa. carregada.

Quando tinha seis anos seu pai abandona sua mãe, que entra em depressão profunda, chorando o tempo todo. Diana relata que ficava com a mão no ouvido tentando tapar o som do choro da mãe. Sua mãe a chamava constantemente para ficar ao seu lado.

Obviamente essa mudança de lugar, essa inversão, onde a filha pequena conforta a mãe, mostra a precariedade emocional da mãe, Segundo P.Aulangnier, uma quebra do vinculo narcísico necessário ao desenvolvimento da criança..Diana internaliza essa mãe depressiva

de humor lábil e sua imagem negativa da feminilidade, manchando seu investimento narcísico.

Diz-se irresponsável, pois não cumpre com o que combina. Sente-se permanentemente mal, como se não tivesse uma meta, um rumo.

Apesar de adulta, sente-se uma criança. Tem a sensação de ser formada de pequenos cacos que não se juntam. Ou seja, o vivido não se integra como algo valioso e ao qual pode se recorrer. São vivências isoladas, cacos. Daí provém o sentimento de vazio, de um buraco sem fundo, uma imensidão abstrata. Tem uma vida sexual livre e promiscua, não tendo discriminação na escolha dos parceiros que funcionam como prótese momentânea a preencher um vazio infinito. Sempre é abandonada ou corre atrás dos namorados.

Diana consegue expressar todos os piores sentimentos, mas não consegue se libertar deles. Não havendo dificuldade de diagnóstico, pois essa paciente tem todas as características psicológicas e sintomas de uma bulímica, surge aquilo que realmente importa, a terapêutica. Aí reside a dificuldade, pois são pacientes que frente frustração tem um retraimento narcísico. Ou seja, é uma pessoa que estabelece comigo uma relação ao mesmo tempo intensa e frágil, de dependência e conseqüentemente de desespero.. O vínculo é delicado, pronto a se romper. Estando em terapia há seis meses, aconteceu de eu tirar uma semana de férias. Nas sessões anteriores às minhas férias, tenta controlar a separação e o luto com um aumento do número de anfetaminas .Ela quer se prevenir para não se sentir só, deprimida e angustiada. Quando volto de férias ela falta várias sessões só retornando após um telefonema meu.

Chega dizendo-se ótima, magra e ansiosa, pensando mesmo em parar a terapia.

Diana continua a terapia , mas diminui o numero de sessões , e muda totalmente a relação comigo se mostrando desconfiada , arredia e descrente.

Toda a arte parece pouca para ajudar essa paciente a construir um mundo interno menos fragmentado.

E-BIBLIOGRAFIA

- 1-BARROS,Romildo do Rego-Compulsões ,desejo e gozo
 - 2-BAUMAM,Zygmunt-O mal estar da pós-modernidade
 - 3-BIRMAN,Joel-Gramática do Erotismo
 - 4-BORGESA,Maria Beatriz F.;JORGEB,Miguel R-Evolução histórica do conceito de compulsão alimentar
 - 5-BOURDIEU,P-Sobre a televisão
 - 6-BUSSET, B., CONVEUR, c. FINE, a – A Bulimia
 - 7-FULKS,Mario Pablo-Considerações teoricas sôbre a psicopatologia
 - 8-INTERNET-Midia.Subjetividade e comportamento alimentar.
 - 9-KEHL, Maria Rita – A Mínima Diferença
 - 10-FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud
 - “Sobre o narcisismo: uma introdução”
 - Estudo sobre a Histeria
 - “Mais Além do Principio do Prazer”
 - “Neurose e Psicose”
 - “Algumas considerações sobre a distinção anatômica entre os sexos”
 - “A Sexualidade Feminina”
 - 11-WINNICOTT,D.W-Da Pediatria à Psicanalise
- SHEIVA CAMPOS NUNES ROCHA - Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro.Rua Marques de São Vicente 340 - Gavea: lsrocha@centroin.com.

Gratidão, Reparação e Sublimação

30 anos de Psicanálise Clínica.

Miguel Sayad.
Março/2007

Ser simples e substancial não é tarefa simples para um psicanalista. Ou, pelo menos para mim, afirmo com certeza duvidosa.

O ofício de psicanalista não é simples. Desde o início Freud reconheceu como inevitável, pois associado à própria natureza do desvelamento do Inc., a resistência advinda da sociedade e da clientela.

Viver não é simples. Estar vivo não é fácil. Mesmo assim quero ser muito simples neste pré-texto. Espero que ao compartilhá-lo e discutí-lo com vocês, possa depois reescrevê-lo e talvez apresentá-lo para um público mais impessoal e indiferente.

Está apresentação interpreta um impulso de gratidão e um desejo de reparação.

A Psicanálise, para mim, não é uma experiência abstrata. Ela está indissolúvelmente ligada à minha vida presente, às minhas escolhas e meu passado. Sustentou minha vida emocional, meu mundo interno, e também foi meu sustento no mundo exterior.

Eu concordo com M.Klein quanto à sua observação de que é “ a fruição alegre que forma a base para a gratidão”.

(“Envy and Gratitude” p.188.1975.)

Uma passagem por M.Klein, pois não pude deixar de ir lá dar uma olhada, já que gratidão ressoa forte “Inveja e Gratidão”: “A plena gratificação ao seio significa que o bebê sente que recebe de seu objeto amado um presente único e que deseja conservar.”(p.188).

Sua perspectiva, de Klein, é análoga à de Freud com sua “experiência de satisfação”.

Eu mamei a Psicanálise.

Eu fiquei muito satisfeito com minha experiência psicanalítica.

Porém, não deixou de ser ambivalente. Experimentei o “seio mau psicanalítico”. Entretanto, ele sobreviveu a meus justificados ataques agressivos e transformou-se, por minha responsabilidade ativa, tornando-se bom para sempre. Esta é a consequência do perdão. Perdoar é a redenção do ofendido.

Enfim, o sentimento genuíno de gratidão é função da satisfação recebida na relação com o outro. Este sentimento não depende de considerações racionais nem do dever de retribuição. Nestes casos, parece que os imperativos advindos dos sentimentos de culpabilidade são os dominantes.

Por que sentimo-nos tão pressionados a darmos explicações ?

A Psicanálise clínica tem uma dimensão prática cujos efeitos sentimos concretamente, carnalmente, na diluição de nossos sintomas, no aumento de nossa capacidade de fruição da vida e no despertar do prazer de aprender.

Este último é intimamente associado à perda do medo de saber, isto é, de nossa curiosidade, cujas raízes estão na curiosidade infantil, portanto no risco e na capacidade de ver.

Conjecturas: a humanidade engatinha com a ereção, do olfato à visão. Da visão do Paraíso Perdido à do Prazer Prometido. O risco de ver é análogo ao risco de sair da submissão ao Pai, à Deus, à Religião. O risco da rejeição, da punição e a queda inexorável em que nos tornamos humanos.

Para sermos gratos não precisamos de explicar por quê. Sentimos a gratidão. A gratidão não é função de um objeto ser bom, mas de nossa experiência com ele ter proporcionado a fruição que, no futuro, faz-nos sentir saudades e ... gratidão pelo que passamos e que não poderíamos ter passado sozinhos.

Nada disso é abstração, mas comentários de experiências vividas.

Sinto-me hoje grato ao Centro de Estudos de Antropologia Clínica – o CESAC – e à SPRJ, as duas instituições de ensino e aprendizado aonde consolidei minha formação psicanalítica e o desejo de saber.

No Cesac, as figuras inesquecíveis e de grande influência na minha formação foram Inês Besouchet, que também foi minha supervisora na SPRJ, e Ivan Ribeiro, que embora membro da SPRJ, exerceu grande influência na minha formação como supervisor, devido à sua vinculação ao CESAC.

Na SPRJ, toda a minha formação transcorreu nos anos de grande turbulência ético-institucional e de luta pelo saber, ainda assim não só foi um período de muita fruição pessoal, mas de relevante aprendizado clínico e teórico. Aí a grande figura, a maior, foi meu segundo psicanalista, Helio Tolipan, a quem devo a experiência na pele, da dor e da satisfação da psicanálise.

Antes de iniciar minha formação psicanalítica institucional tive uma ingrata e longa experiência psicanalítica com um analista SBPRJ, ainda assim sinto gratidão devido a certos efeitos terapêuticos obtidos e à experiência do Inc. que me foi revelada, embora a maior fruição que tive nesta primeira análise foi interrompê-la.

A minha gratidão à APERJ é de outra ordem, pois já amadurecido e membro efetivo e desiludido o suficiente, encontro nela o apoio, que espero ser ainda maior, para a interferência na política do movimento psicanalítico. E mais ainda, encontro colegas de toda a minha vida acadêmica com quem posso compartilhar, na intimidade e de coração aberto, minhas dúvidas e inquietações quanto a esse ofício quase impossível: psicanalista.

A Clínica psicanalítica desempenhada em consultório é uma forma particularíssima de psicoterapia. Rigorosamente, a Psicanálise é um método de descobrimento do Inconsciente que, se sustentado consistentemente, tem como consequência resultados terapêuticos espantosos.

Este método e o acúmulo de conhecimento sobre as relações humanas advindo do desvelamento do Inc. pode e deve ser aplicado não apenas em casos individuais e em pequenos grupos, mas também nas áreas das ciências humanas, da medicina e da psicologia, como cada vez mais vem acontecendo.

De fato tenho dúvidas e gostaria de contar com a reflexão de vocês a respeito do seguinte: é a reparação uma função da gratificação ou ao contrário?

É claro, para mim, que a reparação é associada ao sentimento, Cons. ou Inc., de solidariedade ao dano causado. Porém, seria concebível uma atividade de reparação sem o sentimento de gratificação ?

Discutamos.

Tanto a Arte como a Psicanálise têm uma função Inc. de reparação. Esta é função é tanto mais manifesta quanto mais são desenvolvidas envolvendo a pessoas ou grupos humanos em conflitos e em decadência social. Essa área de ação é uma tendência, ou vocação, crescente na contemporaneidade.

Cada vez mais há artistas e psicanalistas desenvolvendo trabalhos específicos, pragmáticos e teóricos, nesta dimensão trágica do ser humano.

O trabalho clínico e a teorização de Winnicott é particularmente adequado para a abordagem de conflitos associados à violência social e à delinqüência.

Artistas plásticos de abrangência internacional, tanto na prática como na sua teoria, cada vez mais estão atuando na interface arte/violência social de Estado.

Suas intervenções criativas globalizadas criam círculos internacionais de identidades, discussão e solidariedade.

Beuys, alemão, ex-combatente na 2 guerra mundial e que quase morreu ao ter seu avião abatido na imensidão gelada na Criméia, é um dos artistas plásticos de maior influência na arte contemporânea. Constituiu gradativamente um discurso teórico e performático, relevante e fundamentado, a respeito do sentido da arte como forma de libertação de uma vida de submissão e sem criatividade.

A matéria de seu trabalho constituiu-se basicamente no material que o manteve vivo após ter sido salvo por desconhecidos e à parte da cultura ocidental: Feltro, sebo - gordura animal - e produção de calor orgânico e humano.

Desenvolveu uma teoria da arte como ação que visa a integração pessoal e a liberação do potencial criativo de qualquer pessoa como alternativa à vida de submissão ao Estado opressor e massificante, condições em que o pensamento original tende a ficar inibido e a vida sem sentido.

É muito interessante como se aproxima da visão de Winnicott sobre a criatividade e o valor da agressividade e da espontaneidade para uma vida criativa, a única forma de viver que vale a pena sermos vivos.

A arte contemporânea é uma forma evidente de brincar e sua função, tanto para o indivíduo como para a sociedade e sua cultura, é análoga a do brincar. É coisa séria capaz de oferecer alternativas pacíficas de revelação do Inc. e do reprimido, e proporcionar transformações sociais.

Eu, pessoalmente, e sei que devo isso à psicanálise e a meus clientes, vejo-me cada vez mais atraído e envolvido pela perspectiva da Psicanálise associada à Arte (esta como um objeto intermediário) ser aplicada às situações de violência social entre grupos e nações.

Esta é uma tendência crescente no movimento psicanalítico internacional como se pode depreender dos programas do Congresso de Berlin.

A propósito, veja a citação feita por Zuenir Ventura, no “O Globo” de 10 de Março, do livro de Baudrillard “Simulacros e Simulações”: “Quero dizer que as coisas que são reprimidas não desaparecem, mas ressurgem adiante com maior força, tornando-se incontroláveis. Pensar a sociedade contemporânea consiste em pensar a produção do mal como uma energia incontrolável”.

É uma posição claramente associada ao conceito da transmissão transgeracional, tão presente na psicanálise atual e particularmente significativa para a análise da gênese e perpetuação de conflitos entre nações.

Esse é um desafio e questão premente para a psicanálise e para os psicanalistas e a APERJ, por sua história de luta e teorização sobre a violência social e sobre a ética da tolerância às diferenças, não deve ficar à margem dessa brincadeira.

Em trabalhos anteriores eu já relatei aqui o empenho da IPA em abordar estas questões: Seja através do Simpósio em SP. sobre “Terror, Violência Social e Genocídio”, seja pelo discurso de seu presidente no Congresso Brasileiro e mais recentemente na ONU, e ainda através da presença da IPA na ONU por meio de seu Comitê, no qual a APERJ está presente por meu intermédio.

Agora é a vez da Sublimação.

Sublimação é um processo.

Tem um início, desenvolve-se gradualmente e realiza-se atravessando todo o tempo de nossa vida. É uma oportunidade que não envelhece.

Freud descreveu-a como um processo particularmente associado à Arte e à investigação intelectual, cuja energia, impulso e fruição vem da transformação da pulsão sexual em ação desvinculada do prazer sexual carnal, orgástico.

Um corpo sólido passa, desaparecendo, para um estado espiritual, gasoso. Imaterial.

A música, entre todas as artes, seria o exemplo mais radical de sublimação, pois sua efemeridade e imaterialidade é radical, assim como o pensamento que vaga no tempo e espaço. Sem cheiro, visualidade ou materialidade.

Mas há algo mais na natureza da sublimação, a respeito de sua função, tanto para o agente criativo, como para os que são seus beneficiários receptivos. É sua função transformadora e de elevação do espírito tanto do artista ou pensador, como da cultura na qual se manifesta.

Segundo Freud, a matéria e energia para o trabalho cultural provêm em grande parte da transformação do prazer sexual associado à fruição das perversões, “os elementos perversos da excitação sexual”, (SE IX 189), entre os quais, os sádicos têm o mais elevado potencial.

Certamente, podemos vislumbrar na sublimação, que inequivocamente presta um serviço social de grande relevância para a elevação do espírito, e contribui para a paz entre os homens, uma função de reparação pela agressividade destrutiva constantemente em ação nos seres humanos, especialmente entre os de sexo masculino: o prazer de matar, a excitação guerreira, a matança, o genocídio, quase sempre associados com o abuso sexual, o estupro e outras perversões sexuais.

Melanie Klein, reconhece na sublimação um movimento de reparação e restauração do objeto bom atingido pelas pulsões destrutivas. E é significativo que seu estudo diga respeito às ansiedades infantis refletidas no impulso criativo e na obra de arte. 1929.

Compare-se e reflita-se sobre o destino e transformação ocorrida com Beuys, que de piloto das forças nazistas tornou-se um ativista da libertação pela arte. 1943/1960. Sua influência determinante na abertura da arte para a intervenção política-social é a cicatriz do sucesso e influência crescente da arte contemporânea.

Alternativa à concepção do brincar como uma forma de sublimação, podemos considerar a sublimação como uma das maneiras de brincar.

Uma possibilidade, continuada por toda a vida, de transformação prazerosa e de valor para a sociedade. Tal como o brincar, é relacionada aos fenômenos transicionais e manifesta-se no espaço potencial.

“Existe um desenvolvimento direto do fenômeno transicional para o brincar, e do brincar para o brincar com alguém e daí para a experiência cultural”.(Winnicott em “Why Children Play”, 1942. “A Criança, a Família, e o Mundo Exterior”, 1964.)

Esta é uma afirmação que aplica-se à sublimação, ela própria um fenômeno transicional.

A sublimação tal como brincar é a base para a totalidade da experiência de fruição da vida e do convívio em sociedade.

Nós, psicanalistas adultos, brincamos com idéias e palavras e com nossos clientes, nossos objetos intermediários, na busca de uma vida melhor. E eu acho que cada vez mais devemos tentar compartilhar essas brincadeiras com a sociedade.

“O que é vital na jornada do indivíduo em direção à independência não é a continuação da experiência de onipotência”, ainda que sob a forma de Deus ao qual nos submetemos, “mas a continuação da capacidade criativa”

(M.Davies/D.Wallbridge. “Boundary and Space”.1981. A citação entre aspas está comentada por mim sem elas.)

A capacidade criativa é o potencial erótico da sublimação.

Para terminar, uma esperança de Winnicott, que exprime exatamente a mesma concepção de Beuys:

“Eu espero que o leitor aceite a referência geral à criatividade, não permitindo que a palavra se perca nas criações de grande sucesso, mas acolhendo-a no sentido que se refere a um colorido de toda a postura em relação à realidade externa”. (Winnicott. 1971).

O resto dos 30 anos fica para outra brincadeira.

Miguel Sayad.

12/Março/2007.

Para este texto consultei e brinquei com:

Melanie Klein em “Envy and Gratitude”.

Freud em “Totem e Tabu” e outras passagens variadas de seu enorme repertório de brincadeiras.

Winnicott em “Playing and Reality”.

Madeleine Bridge e David Wallbridge, que tem brincadeira até no nome, em “Boundary and Space”.

Renato Mezan e sua enorme brincadeira com “Freud, Pensador da Cultura”.
Joseph Beuys com brinquedos da grande caixa da Encyclopaedia Britannica.
Zuenir Ventura brincando com Baudrillard do outro lado do Globo

E com parte da minha vida.

Miguel Sayad.

12/Março/2007